



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

JENNIFER KELLY NASCIMENTO FREIRE DOS SANTOS

*Insubmissas lágrimas de mulheres: reivindicação e afirmação da subjetividade
negra feminina*

João Pessoa

2024

Jennifer Kelly Nascimento Freire dos Santos

Insubmissas lágrimas de mulheres: reivindicação e afirmação da subjetividade negra feminina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus I) como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira

João Pessoa/PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237i Santos, Jennifer Kelly Nascimento Freire Dos.
Insubmissas lágrimas de mulheres: reivindicação e
afirmação da subjetividade negra feminina / Jennifer
Kelly Nascimento Freire Dos Santos. - João Pessoa,
2024.
57 f.

Orientador: Maria Aparecida Cruz de Oliveira.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

1. Conceição Evaristo. 2. Insubmissas lágrimas de
mulheres. 3. escrevivência. 4. autoria negra. I.
Oliveira, Maria Aparecida Cruz de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-34 (81)

Jennifer Kelly Nascimento Freire dos Santos

Insubmissas lágrimas de mulheres: reivindicação e afirmação da subjetividade negra feminina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus I) como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora Prof.^a Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira

Data de aprovação: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira – (DLCV/UFPB)
Orientadora

Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva – (DLCV/UFPB)
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira – (DLCV/UFPB)
Examinadora

Profa. Dra. Fabiana Carneiro da Silva – (DLCV/UFPB)
Suplente

João Pessoa /PB
2024

Dedico a minha família, aos meus pais, Mônica e Carlos, ao meu filho Luiz Gustavo. Agradeço por todo o amor, apoio e sacrifício ao longo da minha jornada acadêmica.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus o dom da vida, por não me deixar desistir e por ter me sustentado até aqui, mesmo com todas as adversidades que passei neste curso, para chegar até aqui foi um longo caminho trilhado.

A meus pais, Mônica e Carlos, por me apoiarem sempre que necessário, pelas palavras de incentivo e por cuidarem tão bem do meu bem mais precioso, meu filho Gustavo, enquanto eu ia para a universidade e para os estágios. Serei eternamente grata a vocês, por tudo que fizeram e ainda fazem por mim. Eu amo vocês.

A meu filho Luiz Gustavo, mesmo sendo tão novo, me ensina muito todos os dias, principalmente a ser uma mulher e mãe melhor a cada dia. Você é o motivo que eu tenho para levantar todos os dias e não desistir. Prometo estar sempre ao seu lado para juntos encontrarmos um futuro melhor, onde você possa viver em paz.

A minhas amigas do curso, Simone e Márcia, com vocês meus dias na UFPB foram mais leves e alegres, obrigada pela partilha diária.

A minha irmã Jhulien, e minhas sobrinhas Evelyn e Ana Liz, vocês significam muito para mim.

Em especial a minha orientadora Prof. Dra. Maria Aparecida, por aceitar o convite de me orientar neste trabalho.

E por fim, não menos importante, a Prof. Dra. Franciane Silva, por ter me apresentado a literatura afro-brasileira, juntamente as obras de Conceição Evaristo, e a todos os professores que eu encontrei durante essa trajetória na UFPB, meu muito obrigada.

“Quando entendemos o amor como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa, fica claro que não podemos dizer que amamos se somos nocivos ou abusivos. Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado.”

(Bell Hooks)

“A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”.

(Conceição Evaristo)

Resumo

Este estudo tem como objetivo explorar as narrativas e vozes femininas na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, com ênfase na construção da identidade e resistência das mulheres negras. A partir de narradoras femininas, a análise foca em temas cruciais como memória, identidade, opressão e resistência que permeiam as trajetórias das personagens. A pesquisa investiga, também, como essas mulheres enfrentam o racismo, o sexismo, o patriarcado e o machismo, destacando o modo singular com que Evaristo articula essas vivências por meio da oralidade e da escrevivência. Essas técnicas literárias conferem autenticidade às vozes das personagens, ao mesmo tempo em que preservam a memória coletiva e fortalecem o protagonismo das mulheres negras na literatura afro-brasileira. Assim, a análise ressalta o papel transformador da obra de Evaristo no cenário literário, sublinhando sua contribuição para a desconstrução de paradigmas opressivos e para a valorização de histórias de resistência feminina. Para isso, nos debruçaremos nos textos de autores como Saffiotti (1987 e 2015), Hooks (2018 e 2019), Kilomba (2019), Duarte (2018), Oliveira (2019) e outros, para corroborarem os temas abordados nos contos de Conceição Evaristo.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, escrevivência, autoria negra.

Abstract

This study aims to explore the female narratives and voices in the work *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) by Conceição Evaristo, with an emphasis on the construction of identity and resistance of Black women. Through female narrators, the analysis focuses on crucial themes such as memory, identity, oppression, and resistance that permeate the characters' trajectories. The research also investigates how these women confront racism, sexism, patriarchy, and machismo, highlighting the unique way in which Evaristo articulates these experiences through orality and *escrevivência*. These literary techniques lend authenticity to the characters' voices, while also preserving collective memory and strengthening the protagonism of Black women in Afro-Brazilian literature. Thus, the analysis underscores the transformative role of Evaristo's work in the literary scene, emphasizing her contribution to the deconstruction of oppressive paradigms and the valorization of stories of female resistance. For this purpose, we will draw upon the works of authors such as Saffiotti (1987 and 2015), Hooks (2018 and 2019), Kilomba (2019), Duarte (2018), Oliveira (2019), among others, to support the themes addressed in Evaristo's stories.

Keywords: Conceição Evaristo, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, *escrevivência*, Black authorship.

SUMÁRIO

Introdução	9
CAPÍTULO I – Poéticas insubmissas de Conceição Evaristo	11
1. Conceição Evaristo: trajetória e influência na literatura brasileira.....	11
1.1. Escrivência: a poética de Conceição Evaristo.....	13
1.2. A poética da “Escrivência”: o que diz a crítica?	15
CAPÍTULO II: Narrativas da coletividade feminina negra brasileira	25
2. <i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i> : um projeto literário/político.....	25
2.1 Aramides Florença.....	25
2.2 Natalina Soledad.....	28
2.3 Shirley Paixão.....	30
2.4 Adelha Santana Limoeiro.....	31
2.5 Maria do Rosário Imaculada dos Santos.....	34
2.6 Isaltina Campos Belo.....	36
2.7 Mary Benedita.....	38
2.8 Mirtes Aparecida Daluz.....	41
2.9 Líbia Mirã.....	42
2.10 Lia Gabriel.....	44
2.11 Rose Dusreis.....	46
2.12 Saura Benevides Amarantino.....	49
2.13 Regina Anastácia.....	51
Conclusão	53
Referências	55

INTRODUÇÃO

A obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, emerge como um marco significativo na literatura contemporânea brasileira, destacando-se pela singularidade com que representa as vozes e vivências das mulheres negras. Conceição Evaristo, com sua escrita potente, cria narrativas que não apenas dão protagonismo às histórias dessas mulheres, mas que também exploram suas complexidades existenciais, sociais e históricas. Através de uma literatura que carrega forte viés político e identitário, Evaristo desafia as estruturas hegemônicas que historicamente silenciaram e invisibilizaram as trajetórias das mulheres negras no Brasil.

Em um contexto literário tradicionalmente dominado por discursos patriarcais, eurocêntricos e elitistas, a escritora rompe com as convenções ao centrar suas histórias na experiência afro-brasileira, especialmente no que se refere à mulher negra. Através de suas personagens, Evaristo expõe as feridas abertas pelo racismo, sexismo e diversas formas de opressão, ao mesmo tempo em que celebra a resiliência, a ancestralidade e a resistência dessas mulheres. A obra configura-se como um espaço de reivindicação e afirmação da subjetividade negra feminina, contribuindo para a construção de uma literatura que se posiciona como um ato de resistência cultural, social e política.

Este trabalho, portanto, propõe-se a analisar as múltiplas camadas de significados presentes nas narrativas de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, com especial atenção à construção das vozes femininas negras que habitam essas histórias. A análise irá destacar como Evaristo constrói identidades femininas negras marcadas pela resistência, pela luta e pela reconfiguração da própria existência em um país que historicamente oprimiu essas vozes.

Além disso, o estudo se concentrará na forma como Evaristo utiliza a oralidade e a escrevivência como técnicas literárias que conferem autenticidade e organicidade às narrativas. A oralidade, resgatada das tradições afro-brasileiras, e a escrevivência, conceito central no pensamento da autora, são instrumentos que possibilitam a expressão das vozes silenciadas, transformando a narrativa em um espaço de resistência e preservação da memória coletiva negra. A escrevivência, em particular, não se limita à ficção, mas sim se enraíza em vivências reais e experiências compartilhadas, tornando a literatura de Evaristo uma prática que transcende o campo da estética e assume um papel social e político transformador.

Portanto, ao investigar como as histórias de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* contribuem para o fortalecimento da voz e da identidade feminina negra, este trabalho também busca compreender de que maneira a literatura pode funcionar como um meio de resistência e

subversão de narrativas dominantes, ampliando o espaço de visibilidade para as histórias que historicamente foram negligenciadas.

Na tentativa de abordar essas questões, no capítulo 1 será abordada a trajetória e a influência de Conceição Evaristo na literatura afro-brasileira, destacando a relevância de sua produção literária no contexto acadêmico. Será explorado o conceito da *escrevivência* e a forma como a escrita poética se configura a partir desse princípio. Além disso, serão evidenciadas as perspectivas de diversos autores sobre sua obra, como Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte, Antonielle de Cássia Luciano, entre outros autores, evidenciando seu impacto e contribuição para a construção de uma literatura que desafia as narrativas hegemônicas.

Já no Capítulo 2, apresentaremos as narrativas presentes na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, enfatizando as trajetórias das personagens e analisando as questões políticas e sociais enfrentadas por cada uma. Além disso, exploraremos as estratégias de resistência empregadas diante das adversidades que permeiam suas experiências de vida.

CAPÍTULO 1 – Poéticas insubmissas de Conceição Evaristo

1. Conceição Evaristo: trajetória e influência na literatura brasileira

Conceição Evaristo é uma das figuras mais proeminentes da literatura afro-brasileira contemporânea: é escritora, ensaísta, romancista e poetisa. Sua trajetória pessoal e profissional é marcada por várias conquistas notáveis que impactaram diretamente a literatura de autoria feminina negra brasileira. Como escritora, cunhou o termo "escrevivência", pois sua produção literária é voltada a escrever sobre as vozes femininas e afro-brasileiras.



Figura 1: Conceição Evaristo. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/12/conceicao-evaristo-canta-as-paixoes-e-a-liberdade-sexual-das-mulheres-em-novo-livro.shtml>

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais, cresceu em uma comunidade pobre e desde cedo, enfrentou a realidade da desigualdade social e do racismo. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1973, em busca de melhores oportunidades. Em 1987 ingressou na graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), posteriormente em 1996 concluiu o mestrado em Literatura Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com a dissertação “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”. Em 2011, concluiu seu doutorado em Literatura Comparada, na Universidade Federal Fluminense (UFF), com a tese intitulada “Poemas Malungos - Cânticos Irmãos”.

Evaristo começou a publicar seus trabalhos na década de 1990, em antologias e revistas literárias, chamada *Cadernos Negros*. Sua primeira obra individual foi *Ponciá Vicêncio*, publicada em 2003, é considerado seu romance mais famoso. Outras obras da autora são: *Becos*

da memória (2006), *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016) e *Canção para ninar menino grande* (2018), *Macabéa: flor de Mulungu* (2023). Conceição Evaristo ganhou reconhecimento com obras como *Becos da Memória* (2006), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Olhos d'água* (2014).

O reconhecimento literário de Evaristo, especialmente com o prêmio Jabuti por *Olhos d'água* (2014), na categoria Contos e Crônicas em 2015, trouxe visibilidade e legitimidade para a literatura afro-brasileira, que durante muito tempo foi marginalizada dentro do cânone literário. E com isso, incentivou editoras a publicar mais autores negros e despertou o interesse acadêmico na literatura afro-brasileira, aumentando a presença dessas obras em currículos escolares e universitários. Evaristo tornou-se uma figura de referência para muitos jovens escritores, especialmente negros, que têm sua trajetória como exemplo de força, superação e resistência, e que apesar das barreiras socioeconômicas e raciais, é possível reconhecimento literário e trazer novas perspectivas para a literatura nacional. Também recebeu outros prêmios como: Prêmio Camélia da Liberdade (2007) e Prêmio Ori (2007).

Em 2018, Conceição Evaristo tentou ser a primeira mulher negra a ingressar na Academia Brasileira de Letras, mas, apesar de ser uma escritora consagrada, e por toda campanha popular, a maior da história, não foi eleita. Em março de 2024, entrou para a Academia Mineira de Letras.

Conceição Evaristo tem uma influência significativa na literatura brasileira, especialmente no campo da literatura afro-brasileira, ela trouxe questões fundamentais em seus textos, relacionados à raça, ao gênero, à classe e à identidade, que por muitas vezes foram negligenciadas ou silenciadas na literatura tradicionalmente percebida como cânone. Evaristo trouxe um novo termo literário, a "escrevivência", que se refere à escrita fundamentada na observação das vivências negras, principalmente mulheres negras. A escritora Maria Nazareth Soares Fonseca explica sobre o significado do termo e diz o seguinte:

O termo foi assumido como uma estratégia que rasura a ordem legitimada pela figura da "Mãe preta" que conta "histórias para adormecer a prole da Casa grande". Os sentidos da palavra se adequariam a uma proposta de escrita literária que intenta borrar o imaginário que vê o(a) negro(a) em funções determinadas pelo sistema escravocrata (Fonseca, 2020, p. 60).

Nesse sentido, podemos dizer que o termo criado por Evaristo foi um marco na literatura afro-brasileira, porque destaca a representação de suas realidades, histórias, resistências, dores e superações, sempre com foco na experiência e autorrepresentação da mulher negra. Suas

personagens refletem as vivências de mulheres negras, pobres e periféricas, suas histórias abordam questões como racismo, sexismo, pobreza e exclusão social. Ao fazer isso, Evaristo abriu espaço para uma maior diversidade de representações na literatura nacional.

A obra de Conceição Evaristo é engajada, pois apresenta a escrita como uma forma de denunciar a opressão sofrida por mulheres negras. Essa abordagem influenciou uma nova geração de escritores que também veem a literatura como uma ferramenta para transformação social, podendo ampliar o diálogo entre a literatura com as questões políticas e sociais. A escrevivência de Evaristo influencia essa nova geração de escritoras negras, trazendo para o centro da literatura brasileira as vozes das mulheres negras, que começaram a adotar o conceito para legitimar suas próprias histórias e experiências, que por muito tempo foram invisibilizadas nas produções culturais do país.

1.1 Escrevivência: a poética de Conceição Evaristo

O termo "escrevivência" é utilizado pela Conceição Evaristo desde 1995, a palavra em si, traz um significado profundo, pois ela reflete a realidade de quem narra as histórias, sejam mulheres, homens ou crianças, experiências da coletividade e da cultura negra, incluindo sua ancestralidade, suas memórias e sua oralidade.

Em depoimento ao Projeto Itaú, feito em julho de 2020, Evaristo fala sobre sua "escrevivência" e diz:

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (Evaristo, 2020, p. 30).

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha (Evaristo, 2020, p. 35).

Sua escrita representa um rompimento com a literatura tradicional, a “escrevivência” propõe que a literatura pode refletir as experiências reais das personagens, mas com elementos de ficção. Em suas obras Evaristo traz uma relação de ancestralidade, a partir do momento que suas personagens frequentemente recorrem ao passado, contam as histórias de seus antepassados, as tradições e os saberes herdados, nos mostram como ela valoriza a construção da identidade das personagens. Contribuindo com as reflexões do significado do conceito de escrevivência, Maria Nazareth Soares Fonseca diz:

O termo “escrevivência” vem sendo discutido por estudiosos e críticos da literatura afro-brasileira, geralmente em referência à obra literária da escritora Conceição Evaristo. Em vários estudos e reflexões, a palavra assume uma gama de significados nem sempre relacionados com o processo de formação lexical que nele se mostra. Morfologicamente, decorre da associação entre “escrever” e “viver” e dos sentidos permitidos pela expressão “escrever vivências” ou mesmo de escrever fatos vividos pelo eu que os recupera pela escrita (Fonseca, 2020, p. 59).

Suas obras nos oferecem reflexões muito profundas em relação à condição da população negra na sociedade brasileira, em especial as mulheres. Através de suas narrativas, Evaristo explora temas como opressão, luta, dor, solidariedade, e a busca por dignidade. Sua escrita deixa de lado os estereótipos impostos na literatura convencional e branca, e os corpos negros passam dos lugares marginalizados, hipersexualizados, degradantes, para o protagonismo das narrações. Em relação à escrita feminina negra, Evaristo nos fala o seguinte:

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 204 *apud* Cortês, 2018, p. 52).

Ao escrever sobre as experiências das mulheres negras, Evaristo encontra maneiras de potencializar suas personagens, como ela diz no trecho: "Em *Insubmissas*, as mulheres viveram histórias de dores, de sofrimentos, mas, quando estão conversando com a entrevistadora, já se potencializaram para poder contar histórias de sucessos" (Evaristo, 2020, p. 43).

Os livros publicados por Conceição Evaristo compartilham várias características em comum, tirando o livro "*Canção para ninar menino grande*", protagonizado por Fio Jasmim, publicado originalmente em 2018, todos os outros são protagonizados por mulheres negras através da escrevivência, são marcados por temáticas sociais, sobre denúncia da opressão, sobre tradições afro-brasileira, memória, ancestralidade, solidariedade feminina, empoderamento e transformação. Assim, o que une o conjunto da obra de Conceição Evaristo é a perspectiva de uma escrita vivência, a escrevivência. Poderemos ver alguns desses traços na próxima seção deste trabalho.

1.2 A poética da “Escrevivência”: o que diz a crítica?

Várias escritoras e pesquisadoras brasileiras têm escrito sobre Conceição Evaristo, reconhecendo sua importância na literatura afro-brasileira e na representação de sua escrevivência. Destacamos algumas contribuições de autoras e autores, sobre a relevância do

termo "escrevivência" para a literatura feminina de autoria negra. A seguir, mostraremos o que a crítica literária brasileira tem escrito sobre cada uma das obras de Conceição Evaristo:

- *Ponciá Vicêncio* (Romance publicado em 2003)

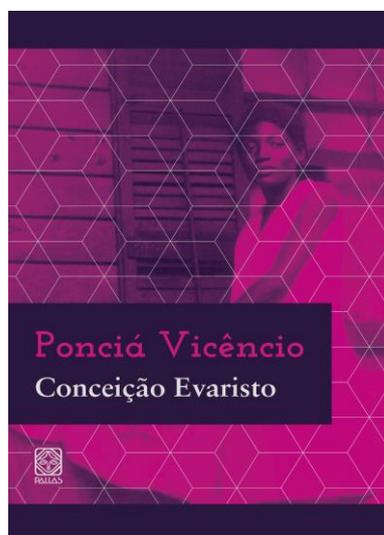


Figura 3. Fonte: <https://a.co/d/40SFndm>

Ponciá Vicêncio (2003), primeira obra solo de Conceição Evaristo, narra a trajetória de Ponciá, uma mulher negra que vive entre o campo e a cidade, em busca de sua identidade e pertencimento. A história reflete as marcas do passado escravista e das violências herdadas por gerações de afrodescendentes. A personagem carrega a herança da miséria, do sofrimento e da marginalização que sua família enfrentou, especialmente de seu pai e avô, ex-escravizado.

Antoniele Luciano (2020) em sua dissertação relata como a prefaciadora descreve o romance e diz:

Na época da estreia de Ponciá no mercado editorial, Barbosa já vivia fora do Brasil. Ao apresentar ao leitor o primeiro livro de Evaristo, ela enfatiza a construção de personagens complexos, sobretudo da protagonista, e o uso do poético para criar recursos capazes de tornar tal leitura marcante. A pesquisadora descreve a obra como um romance que “explora a fundo sucessivas perdas de Ponciá (a morte do avô, do pai, dos sete filhos, a separação da mãe e do irmão), penetrando no ‘apartar-se de si mesmo’ (Luciano, 2020, p. 61).

Como descrito no fragmento acima, no romance *Ponciá Vicêncio*, Evaristo traz à tona a complexidade da vida de afrodescendentes no Brasil, revelando as marcas profundas do passado escravista e suas consequências, traz o silenciamento da personagem diante da opressão vivida, como descrito por Isabelle Sousa (2020) em sua dissertação: “Em sua narrativa, o silêncio de Ponciá Vicêncio é sua resposta à condição de subalternidade, diante da opressão patriarcal das agressões do marido, por exemplo” (Sousa, 2020, p. 17).

Sobre a obra em questão e sua escrevivência, Evaristo (2020) diz que:

Por exemplo, quando se fala de uma obra memorialística, há a tendência em dizer que a obra de autoria negra é sempre memorialística. Acreditam, então, que o livro *Ponciá Vicêncio* é a história da minha vida. Não é. Sempre preciso afirmar que *Becos da Memória* são ficções da memória, apesar de Maria Nova ser uma personagem muito próxima da autora (Evaristo, 2020, p. 40).

Pelo fato de o romance abordar temas como memórias, ancestralidade, racismo e a luta por identidade, destacando sempre o protagonismo das mulheres negras, alguns críticos literários dizem que são escritos da vida da autora, mas ela responde: “Respondo por mim, embora essa memória não seja apenas de minha pertença. Pode ser um pouco mais minha, enquanto *afro-brasileira*, enquanto *sujeito-mulher afro-diaspórica*, mas essa é a memória do passado brasileiro e que a nação brasileira ainda precisa expurgar” (Evaristo, 2019 apud Silva, 2020, p. 115).

- ***Becos da memória*** (Romance publicado em 2006)

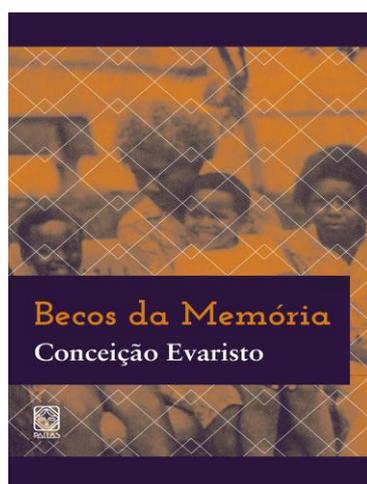


Figura 4. Fonte: <https://a.co/d/1wnhCDY>

Becos da Memória, segundo romance de Conceição Evaristo, lançado em 2006, é uma obra que aborda as experiências de uma comunidade afro-brasileira, explorando temas como memória, identidade e resistência em meio a contextos de exclusão social e racismo. O romance narra a vida de moradores dos becos das favelas, revelando as histórias individuais e coletivas que permeiam aquele espaço. A autora constrói uma narrativa marcada pela oralidade e pela escrevivência, recursos esses que conferem autenticidade e profundidade à história. Sobre o romance, Isabelle Sousa (2020) diz:

Conceição Evaristo, mesmo adotando um tom de tragicidade lírica, traz à tona uma forte referência às heranças da escravidão. Para Simone Schmidt (2018), a relação senzala favela é evidente. No decorrer do romance, a pesquisadora conclui, que se rememora a escravidão e é possível relacionar a continuação desta com a condição

insalubre e subalterna das favelas. Maria-Nova reflete nas aulas sobre o olhar eurocêntrico acerca da escravidão repassado pela sua professora também negra e não conseguir aplicabilidade para aquilo. A protagonista, portanto, parece ansiar pela aplicabilidade do conhecimento sobre a subjugação da sua ancestralidade e suas implicações nos dias atuais (Sousa, 2020, p. 19).

Por meio das vozes dos personagens, Evaristo resgata memórias de um Brasil pós-escravocrata, onde as dificuldades socioeconômicas e o preconceito racial continuam a moldar a vida das populações negras. Como Luciano (2020, p. 64) destaca: “O romance é um mergulho na vida de uma favela que, apesar de não apresentar nome nem referências geográficas na narrativa, torna-se repleta de simbolismo”.

Nesse romance, Evaristo desconstrói a marginalização ao evidenciar as experiências dos moradores dos becos, reafirmando a relevância da memória coletiva e das trajetórias de vida que são invisibilizadas pela sociedade. Destaca também as marcas deixadas pelo passado escravocrata, revelando como essas influências continuam moldando as dinâmicas de poder e exclusão na contemporaneidade. Evaristo menciona a escrevivência em *Becos de memória*:

Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa de *Becos da memória*. Primeiro foi o verbo de minha mãe. Ela, D. Joana, me deu o mote: “Vó Rita dormia embolada com ela”. A voz de minha mãe a me trazer lembranças de nossa vivência, em uma favela que não existia mais no momento em que se dava aquela narração. “Vó Rita dormia embolada com ela, Vó Rita dormia embolada com ela, Vó Rita dormia embolada com ela...”. A entonação da voz de minha mãe me jogou no passado, me colocando face a face com meu eu menina (Evaristo, 2017 apud Duarte, 2020, p. 87).

Através dessa escrevivência os personagens saem da invisibilidade e subvertem os paradigmas literários tradicionais, colocando-os no centro da narrativa, sujeitos esses que historicamente são silenciados.

- *Poemas da recordação e outros movimentos* (poesia publicada em 2008)



Figura 8. Fonte: <https://a.co/d/eFEvt8>

Poemas da recordação e outros movimentos (2008) é uma coletânea poética que reúne 65 textos, os quais exploram temas fundamentais da identidade negra. A obra é marcada pela estética da escrevivência, são poemas permeados por uma forte conexão com a ancestralidade africana, evocando memórias familiares e coletivas que se entrelaçam com a história da diáspora africana e suas consequências no Brasil. De acordo com Isabelle Sousa (2020):

Ao se aventurar na poesia, movida pela ideia de que “há mundos submersos, que só o silêncio da poesia penetra”, Conceição Evaristo tem em seu poema “Vozes-Mulheres” um grande rema para sintetizar a sua escrita artística: dar voz às mulheres e sujeitos marginalizados marcados pelo esquecimento e apagamento social. O poema é amplamente conhecido e comumente citado em diversos textos sobre a obra de Conceição e/ou sobre a história da literatura afro-brasileira e diaspórica. O teor forte e crítico do poema revela sua potência como peça de literatura e como representação de um sentimento universal da resistência e da luta pela igualdade de raça e gênero (Sousa, 2020, p. 20).

Essa obra tem uma poética de resistência, na qual a palavra se transforma em um movimento de luta, proporcionando uma reflexão crítica sobre o lugar das memórias e histórias das mulheres negras, ampliando o campo da poesia contemporânea e reafirmando a centralidade da experiência negra.

- *Insubmissas lágrimas de Mulheres* (Contos publicados em 2011)

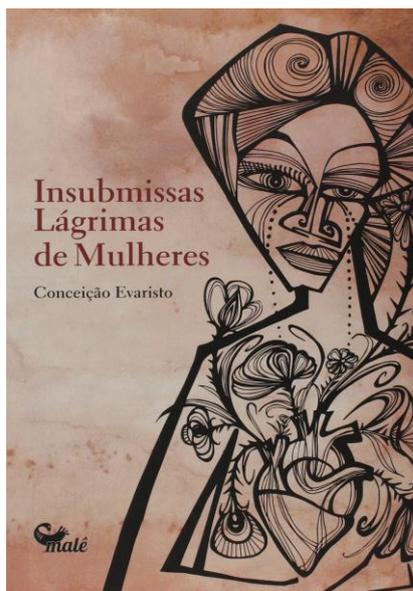


Figura 7. Fonte: <https://a.co/d/i8xvTA6>

Insubmissas lágrimas de mulheres (2011) é uma coletânea de contos que reúne relatos das experiências de mulheres negras, destacando suas trajetórias de resistência frente às múltiplas formas de opressão, como o racismo, o sexismo e a exclusão social. A obra se caracteriza pelo uso da escrevivência, cada conto apresenta uma narrativa distinta, mas conectada pela experiência comum, evidenciando a complexidade das relações sociais e afetivas que moldam a vida dessas mulheres.

Evaristo explora temas como a ancestralidade, a maternidade, a violência patriarcal, a marginalização econômica e a busca pela dignidade. Ao dar voz a essas mulheres, a autora subverte os paradigmas hegemônicos da literatura, tradicionalmente centrados em narrativas eurocêntricas e patriarcais, e afirma a importância da subjetividade negra como agente transformador. Como Isabelle Sousa (2020) destaca:

A opressão sofrida pelas mulheres ecoa na literatura e não poderia ser diferente. Atualmente, com a maior visibilidade do feminismo, da conquista de políticas públicas e das lutas sociais por igualdade, tal opressão vem sendo representada de forma mais universal na arte, ou seja, saindo do campo de observação do opressor e ganhando voz do lado do oprimido. (Sousa, 2020, p. 21).

Evaristo expõe como o patriarcado não apenas oprime as mulheres, mas também reforça as desigualdades de gênero, especialmente quando combinadas com o racismo. A figura feminina, no entanto, é retratada como resistente, sempre buscando maneiras de subverter e enfrentar essas formas de dominação. Constância Lima Duarte (2018) fala sobre a linguagem poética que Evaristo utiliza:

E mesmo nas cenas de extrema degradação humana a escritora não perde o equilíbrio entre a sugestão de estados líricos e a intenção documental. As personagens de

Conceição Evaristo explicitam todo o tempo o seu pertencimento a um grupo social que tem na pele a cor da exclusão, não importa se crianças, donas de casa, empregadas domésticas ou mulher de bandido: a angústia e o sentimento de injustiça são sempre os mesmos (Duarte, 2018, p. 148).

Por fim, a escrita de Conceição Evaristo em *Insubmissas lágrimas de mulheres* é um projeto político literário e social, que ao mesmo tempo que cria a ficção, também testemunha a realidade, e sempre colocando em primeiro plano a resistência e a insubmissão das mulheres negras diante dos sistemas opressivos.

- *Olhos D'água* (Contos publicados em 2014)

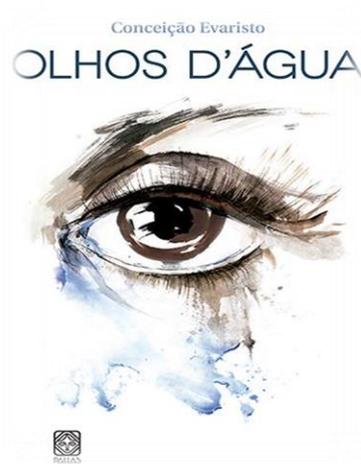


Figura 6. Fonte: <https://a.co/d/ddw8vqO>

Olhos d'Água (2014) foi ganhador do prêmio Jabuti. Trata-se de uma coletânea de quinze contos que traz à tona as vivências e dores das populações negras, especialmente das mulheres, em meio a um contexto de opressão racial e social. A obra traz uma escrita que se baseia nas experiências de vida e no testemunho das memórias e lutas dos personagens, reafirmando a relevância da subjetividade das pessoas negras como elemento central na literatura afro-brasileira. Sobre os personagens e as temáticas dos contos, Helóisa Gomes (2018) diz:

No livro estão presentes mães, muitas mães. E, também filhas, avós, amantes, homens e mulheres – todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Sem quaisquer idealizações são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira (Gomes, 2018, p. 236).

Conceição Evaristo articula uma crítica social contundente, que expõe várias formas de opressão e marginalização enfrentadas pelas populações negras e periféricas no Brasil, além do

racismo, sexismo e da extrema vulnerabilidade econômica. Apesar dos temas duros, “a positividade textual prevalece, apesar de tudo. Uma positividade em que escrever é, certamente, “uma maneira de sangrar”; mas também de invocar e evocar as vidas costuradas “com fios de ferro” (Gomes, 2018, p. 237).

Através de uma prosa lírica e profundamente emocional, Evaristo cria personagens que carregam em si as marcas de uma história de marginalização e, ao mesmo tempo, a resistência que se manifesta no cotidiano. *Olhos d'água* não apenas denuncia as injustiças sociais e raciais, mas também constrói um espaço literário onde essas histórias encontram dignidade e protagonismo, revelando a complexidade e a riqueza das subjetividades. Como Iêdo Paes (2018, p. 277) diz: “Um imaginário povoado por amores, dores e indiferenças norteia a tessitura de *Olhos d'água*, trazendo à baila maestria de Conceição Evaristo numa reflexão executada com muita delicadeza”.

- ***Histórias de leves enganos e parecenças*** (Contos publicados em 2016)

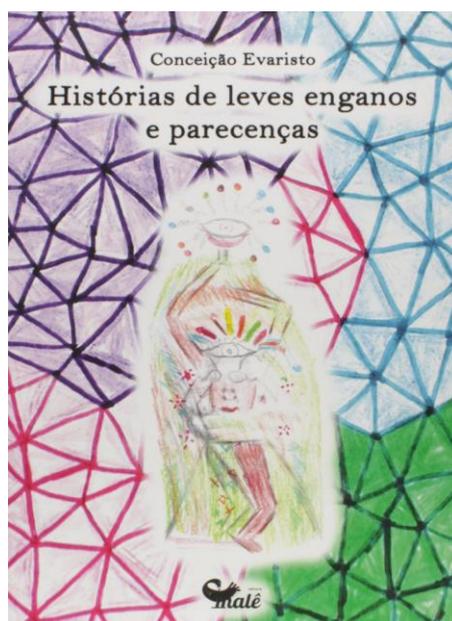


Figura 5. Fonte: <https://a.co/d/5RrKFSB>

Histórias de Leves Enganos e Parecenças (2016) é uma coletânea de doze contos e uma novela, que explora as complexidades das relações humanas, com ênfase nas vivências de personagens afro-brasileiros. A coletânea aponta a importância da memória e da ancestralidade, mostrando como as vivências passadas influenciam as ações e percepções no presente. É fundado na poética da escrevivência, uma escrita que surge das vivências e experiências de mulheres negras. Evaristo transforma as histórias individuais em reflexões sobre a condição coletiva da população negra no Brasil.

Antoniele Luciano (2020, p. 73) diz que o realismo animista incorpora questões relacionadas aos antepassados, à força da natureza e à oralidade como elementos de engajamento histórico e social. O que nas culturas eurocêntricas é interpretado como sobrenatural, nas culturas africanas é compreendido como parte integrante da realidade.

Assunção de Maria Sousa e Silva (2018) diz que é possível ver o realismo animista em *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016): “a imagem da Santa se firma no conto, não como revelação do imaginário católico ou de outras religiões, mas como referência a uma deidade na natureza, as águas, que jorram durante o ritual da primeira comunhão” (Silva, 2018, p. 297). O pesquisador se refere a seguinte passagem do livro:

Na hora da comunhão, o rosto de Dóris se iluminou. Uma intensa luz amarela brilhava sobre ela. E a menina se revestiu de tamanha graça, que a Senhora lá do alto sorriu. Uma paz, nunca sentida, inundou a igreja inteira. Ruídos de água desenhavam rios caudalosos e mansos a correr pelo corredor central do templo. E a menina ao invés de rezar a Ave-Maria, oração ensaiada por tanto tempo, cantou outro cumprimento. Cantou e dançou como se tocasse suavemente as águas serenas de um rio. Alguns entenderam a nova celebração que ali aconteceu. A avó de Dóris sorria feliz. Dóris da Conceição Aparecida, cantou para nossa outra Mãe, para a nossa outra Senhora (Evaristo, 2016, *apud* Silva, 2020, p. 297).

Outra crítica importante de Silva (2018) é sobre a força da mulher na novela “Sabela” em que: “o corpo da personagem homônima sinaliza indomável natureza a prenunciar dilúvio” (p. 299), pois a personagem é capaz de prever os mistérios da natureza tanto a humana como a divina.

- *Canção para ninar menino grande* (Romance publicado originalmente em 2018)

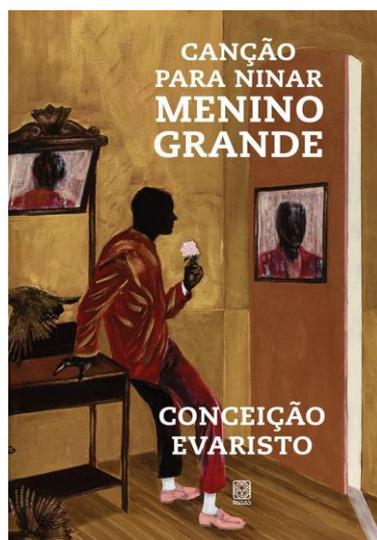


Figura 2. Fonte: <https://a.co/d/9fHWHNZ>

O livro *Canção para ninar menino grande* foi lançado em 2018, é protagonizado por Fio Jasmim, único livro que o protagonista é um homem, mas a narração da história é feita por mulheres que passam na vida do rapaz: “Ah, quem sabia contar as proezas dele era Rute, Neide, Aurora, Dalva Ruiva, Antonieta, Pérola Maria, Tina Maria e outras... O que eu sei sobre ele, veio das falas delas (Evaristo, 2018, p. 79 *apud* Duarte, 2020, p. 137).

Constância Lima Duarte (2020) diz que Fio Jasmim passa por muitas nuances durante sua vida, mas que com o passar do tempo o “mito do masculino” vai se desfazendo e comenta: “Distante da figura do herói, Fio Jasmim representa as contradições do universo masculino, socializado desde a infância para aceitar pensamentos e ações sexistas” (Duarte, 2020, p. 138). Assimila o orgulho de sua masculinidade, inserindo-se na estrutura de dominação masculina, que é naturalizada e perpetuada socialmente por meio da constante reprodução de valores e comportamentos:

Uma carta escrita em papel de seda, abandonada tal qual o corpo violentado de uma mulher, ao lado de um não desejado homem adormecido depois do gozo, jazia sobre a mesa. Em letras desenhadas com esmero, podia-se ler a repetida frase: “Eu te amo, eu te amo.” Fio Jasmim pousou sobre a folha, que balançava ao vento, um descuidado olhar; já sabia de cor todo o conteúdo. Tina lhe escrevia quase sempre. Ele tinha inúmeras cartas dela e não sabia mais o que fazer com tantas folhas. Muito menos, com o amor da moça. Devolver as cartas, podia; mas, sem elas, como convencer a sua mulher de que ele, primeiramente, havia sido vítima do assédio sexual e, com o tempo, do amor louco da moça? Não, ele não era o culpado. A moça sabia que ele era casado e, mesmo assim, se oferecia. Lá estavam as palavras dela, escritas por ela, assinadas por ela. Tina Maria Perpétua. (...) Pensou na moça com carinho e desejou a passividade do corpo dela (Evaristo, 2018, p. 12).

Além de explicitar o conceito de “escrevivência”, a obra propõe uma denúncia incisiva e um questionamento crítico das estruturas patriarcais, desafiando os sistemas de poder e controle que historicamente subjuga as mulheres e silenciam suas vozes.

- ***Macabéa: Flor de Mulungu*** (Conto publicado em novembro de 2023)

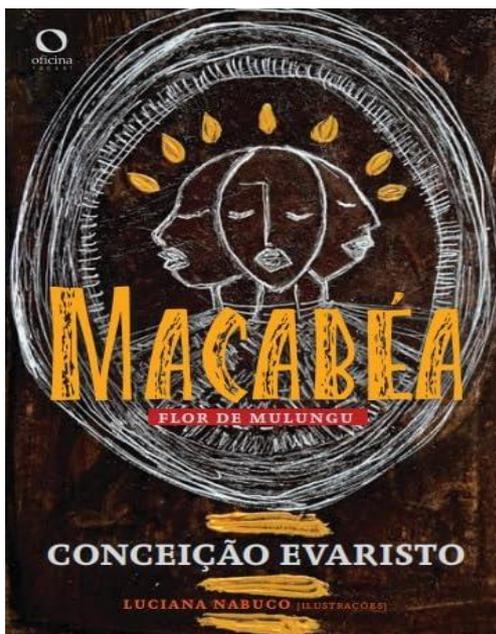


Figura 9. Fonte: <https://a.co/d/8Hw2T1x>

Macabéa: Flor de Mulungu, lançado em 2023, é um conto que revisita e ressignifica a personagem Macabéa, da obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, sob uma perspectiva afro-brasileira. No conto, Evaristo faz uma releitura crítica que dá voz a uma personagem marginalizada, resgatando sua humanidade e ampliando sua representação através de um olhar que enfatiza a ancestralidade e a resistência das mulheres negras.

Conceição Evaristo (2020) diz que: “A Escrivência poderia se aproximar da afirmativa de Clarice de que a aprendizagem da escrita está no mundo; entretanto guardando distâncias, muitas talvez. “Escrever é dominar o mundo”, assevera Clarice” (p . 34). A escrita de Evaristo e Lispector dialogam ao explorar a marginalização e a opressão, mas diferem na maneira que abordam a subjetividade feminina. Por fim, as críticas a essa obra ainda estão em escassez, devido a sua recente data de publicação.

Capítulo 2: Narrativas da coletividade feminina negra brasileira

2. *Insubmissas lágrimas de mulheres*: um projeto literário/político

Este capítulo se dedicará ao estudo analítico do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, publicado em 2011. Especificamente, será apresentada a análise da representação das personagens femininas: as mulheres negras na perspectiva de uma narradora negra, uma entrevistadora de mulheres negras. Essa obra é composta por treze contos que apresentam histórias de diferentes mulheres negras, cada conto leva o nome da protagonista no título. Todos são narrados por uma escritora/entrevistadora em terceira pessoa que passa por várias cidades do Brasil, em busca de histórias das mulheres e sua resiliência, ela ouve e registra os fatos, porém, como ela diz no conto de *Natalina Soledad*: “Digo, porém, que a história de Natalina Soledad era muito maior e, como outras, escolhi só alguns fatos. Repito, elegi e registrei aqui, somente essas passagens” (Evaristo, 2011, p. 19).

O tipo de narradora escolhida por Evaristo já sinaliza uma estética que privilegia a oralidade, uma escrita que registra a oralidade. A oralidade permeia os contos trazendo para o texto a cadência da fala popular. A linguagem é poética, mas também é direta, e assim consegue refletir a realidade dessas mulheres em sua escrita. Veja as palavras de Evaristo (2020) sobre a escrita desse livro:

Por exemplo, em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, usei vários artifícios para produzir a percepção de que a entrevistadora ficcional era uma mulher negra, assim como as mulheres entrevistadas. Foi preciso criar vários artifícios do texto para poder marcar isso. É ainda nesse sentido que os textos criados por mim não são inocentes. *Insubmissas* não é uma obra inocente, a partir do título do livro. Ali marco a autoria de uma mulher negra, com a sua subjetividade na construção de um trabalho que tem sido considerado bastante criativo (Evaristo, 2020, p. 43).

Percebemos a obra tem um forte discurso político e representação social, cuja temática abrange temas como a violência sexual, o machismo, a solidão, a maternidade, a homossexualidade, o racismo, a deficiência visual, a desigualdade social etc. As mulheres representadas na obra, apesar de serem marcadas por violências, não se deixam estagnar, elas são resilientes, mulheres insubmissas. Vamos conhecê-las?

2.1 Aramides Florença

O conto "Aramides Florença" narra a história de uma mulher negra, mãe solo de um menino, que rememora o período de sua gestação durante o casamento. Diferentemente de

outras narrativas, Aramides se destaca por ser financeiramente independente, algo que ela mesma enfatiza ao mencionar que tem um trabalho satisfatório. Logo no início do conto, ela revela que já não está mais com o pai de seu filho: "...o pai dele havia partido há quase um ano, quando o bebê tinha apenas alguns dias de vida" (Evaristo, 2011, p. 11).

Antes de ser abandonada, Aramides conta à narradora que seu casamento era feliz. Eles viviam de forma tranquila e se sentiam realizados com a gravidez, como é expresso no trecho: "a gravidez desejada logo aconteceu. Sentindo-se bem-aventurados, rejubilaram-se quando o exame de urina deu positivo. Desde então, prometeram ser os dois grávidos mais felizes, para compartilhar essa felicidade com a criança que estava por vir" (Evaristo, 2011, p. 10).

Inicialmente, o marido de Aramides estava entusiasmado com a gestação. Ele sentia o bebê se mexer na barriga dela, mas com o passar do tempo, as coisas começaram a mudar, conforme Aramides relata:

Um dia, algo dolorido no ventre de Aramides inaugurou uma perturbação entre os dois. Já estavam deitados, ela virava para lá e para cá, procurando uma melhor posição para encaixar a barriga e, no lugar em que se deitou, seus dedos esbarraram em algo estranho. Lá estava um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldades para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de um dos lados de seu ventre. Aramides não conseguiu entender a presença daquele objeto estranho em cima da cama. (...) O homem, pai do filho de Aramides Florença, não soube explicar a presença do objeto ali. Talvez tivesse sido na hora que ele foi preparar a cama dos dois... talvez ele estivesse com o aparelho na mão. Talvez... Quem sabe... (Evaristo, 2011, p. 13).

Podemos perceber nas falas de Aramides que a violência doméstica e psicológica já havia começado. No entanto, como ocorre com muitas vítimas, ela demorou a perceber, acreditando que seu marido nunca a machucaria de maneira intencional. Em seguida, ela sofre outro ato de violência, que é descrito na cena a seguir:

Estava ela no último mês de gestação, quando meio sonolenta, já de camisola, mas ainda de pé, narcisicamente se contemplava no espelho do banheiro. (...) pelo espelho, viu o seu homem se aproximar cautelosamente. Adivinhou o abraço dele que receberia por trás. Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava, e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraçá-la com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. Um ligeiro odor de carne queimada invadiu o ar. Por um ínfimo momento, ela teve a sensação de que o gesto dele tinha sido voluntário (Evaristo, 2011, p. 14).

Vivendo um relacionamento abusivo, Aramides Florença não confronta o esposo de sua atitude violenta, mas fica se questionando se foi intencional ou não, geralmente, as vítimas de violência doméstica acabam duvidando do que seus olhos e corpos vivenciaram, questionam a si mesmas, para entender se o erro foram delas. O sentimento de culpa leva a percepção de que

é impossível um homem que aparentemente cuida, protege e a ame, possa fazer algo intencional para machucar. Na questão do relacionamento abusivo e sobre a violência doméstica, Saffioti (2015) diz que:

A violência doméstica apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é sua rotinização (Saffioti, 1997), o que contribui, tremendamente, para a codependência e o estabelecimento da relação fixada. Rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. Neste sentido, o próprio gênero acaba por revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu “destino” assim o determina (Saffioti, 2015, p. 90).

Logo após o nascimento de seu filho, tem outra atitude do seu marido que a deixa não só inquieta, mas também, com medo, quando em uma noite ele “perguntou a Aramides quando ela novamente seria dele, só dele” (Evaristo, 2011, p. 16) e saiu do quarto batendo a porta acordando seu filho e então, desde aquela noite, ela ficara sempre apreensiva. Após consecutivos atos de violência, um gesto mais doloroso aconteceu, o marido chegou em casa e a viu amamentando seu filho, o arrancou de seus braços e a violenta sexualmente, na frente do próprio filho:

Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato da amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Elmides me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada, sofri, sentindo o sangue jorrar. Do outro seio, o que ele não havia tocado, pois defensivamente eu conseguiria cobrir com parte do lençol, eu sentia o leite irromper. Nunca a boca de um homem, como todo o seu corpo, me causa tanta dor e tanto asco, até então. E, inexplicavelmente, esse era o homem. Aquele que eu havia escolhido para ser o meu e com quem eu havia compartilhado sonhos, desejos, segredos, prazeres... E, mais do que isso, havia deixado conceber em mim, um filho (Evaristo, 2011, p. 18).

Por fim, observamos mais uma violência retratada no conto, a violência sexual matrimonial. Muitos maridos se acham no direito de abusar de suas esposas, as veem como um objeto sexual, fruto do patriarcado estrutural e a sociedade acaba consentindo com esses abusos só por serem marido e esposa, as pessoas não se solidarizam com o sofrimento das mulheres que passam por esses abusos dentro de seus casamentos. Sobre a violência contra mulher, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública diz que:

Infelizmente e em mais um ano, o cenário segue desalentador. Os números revelam o retrato do fenômeno hoje, e para ajudar na interpretação dos dados, existem diversas teorias que contribuem para a compreensão da violência contra a mulher na sociedade. Elas vão desde a noção da pedagogia do poder e da crueldade, desenvolvida por Rita Segato (2003), segundo a qual a violência de gênero não é apenas um ato isolado de agressão, mas sim uma expressão de poder e controle que está profundamente enraizada nas estruturas patriarcais da sociedade; passando pela teoria dos ciclos de

violência, que evidencia padrões cíclicos no comportamento abusivo (FBSP, 2024, p. 135-136).

Dessa forma, observamos que a violência doméstica contra a mulher — incluindo agressões, perseguições e estupros —, em vez de diminuir, continua a crescer, muitas vezes de forma ainda mais intensa, até culminar no feminicídio. Sobre esse aumento, a Associação Brasileira de Saúde Pública (ABSP) ressalta: "Isso mostra como atos que, na verdade, especificamente violência, são visíveis como comportamentos normalizados dentro de uma relação, e não como crimes" (p. 136).

Apesar de todas as adversidades, Aramides carrega dentro de si uma força profunda, que lhe permitiu ressignificar os traumas vívidos com seu marido. Ela consegue seguir em frente, feliz ao lado de seu filho, como relata no trecho a seguir: "Esta é a minha criança - me disse a mãe, antes de qualquer outra palavra -, o meu bem-amado. O nome dele é Elmides Florença. E susteve a criança em minha direção, como se me fosse oferecer um presente" (Evaristo, 2011, p. 11). Evaristo explora a força da maternidade como um elemento central da resistência e sobrevivência, surge como um aspecto essencial de sua luta diária. Utiliza a maternidade não apenas como uma relação biológica, mas como uma metáfora de cuidado e proteção.

2.2 Natalina Soledad

O conto "Natalina Soledad" narra a vida de uma mulher negra que, desde o início, é apresentado pela narradora com a seguinte afirmação: "a mulher que havia criada o seu próprio nome, provocou o meu desejo de escuta, justamente pelo fato dela ter alcançado se autonegar" (Evaristo, 2011, p. 19). A trajetória de Natalina é marcada por uma busca por identidade e reconhecimento, que se torna evidente quando ela, após um tempo de silêncio e recusas, troca seu nome de Troçoieia Malvina Silveira para Natalina Soledad.

A narrativa revela um contexto familiar em que a masculinidade é desafiada pela mera existência da filha. Natalina, uma criança sétima e única menina em uma família composta por seis irmãos, não é bem recebida. O pai, que se orgulhava de sua masculinidade reforçada por filhos homens, sente-se decepcionado com o nascimento de uma filha. A descrição do pai, "garboso de sua masculinidade", evidencia como o patriarcado está arraigado nas dinâmicas familiares, perpetuando uma posição que deslegitima a vida e a voz das mulheres (Evaristo, 2011, p. 19-20):

Natalina Soledad, tendo nascido mulher, a sétima, depois dos seis filhos homens, não foi bem recebida pelo pai e não encontrou acolhida no colo da mãe. O homem, garboso

de sua masculinidade, que, ao seu ver, ficava comprovada a cada filho homem nascido, ficou decepcionado quando lhe deram a notícia de que o sétimo rebento era uma menina (Evaristo, 2011, p. 19-20).

Essa dinâmica traz à tona as violências simbólicas e culturais que Natalina enfrenta. A autora bell hooks (2018) discute como a violência é socialmente aceita como meio de controle social, afirmando que “grupos dominantes mantêm o poder através da ameaça (aceita ou não) de que o castigo abusivo, físico ou psicológico, será usado sempre que estruturas hierárquicas em exercício antes ameaçadas” (p. 82):

Em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social. Grupos dominantes mantêm poder através da ameaça (aceita ou não) de que castigo abusivo, físico ou psicológico, será usado sempre que estruturas hierárquicas em exercício forem ameaçadas, quer seja em um relacionamento homem-mulher, quer seja na conexão entre pais ou mães e crianças (Hooks, 2018, p. 82).

No caso de Natalina, essa estrutura hierárquica é tão familiar quanto social, manifestando-se na falta de acolhimento emocional e na negação do acesso à educação.

O abandono que Natalina experimenta em casa se transforma em uma solidão dolorosa. No entanto, sua resiliência se destaca: autodidata, ela aprende a cuidar de si mesma e a desenvolver habilidades que a ajudam a enfrentar um mundo que a marginaliza. A forma como o patriarcado se impõe sobre a educação feminina é revelada quando um de seus irmãos se opõe à ideia de que ela estuda, reforçando a ideia de que a educação é um privilégio masculino. Isso reflete o que Saffioti (2015) descreve sobre a posição masculina e a economia doméstica que sustenta a ordem patriarcal:

Há, sem dúvida, uma economia doméstica, ou domesticamente organizada, que sustenta a ordem patriarcal. Dentre os diferentes machos há, pelo menos, uma hierarquia estabelecida com base nas distintas faixas etárias, cada uma desempenhando suas funções sociais e tendo um certo significado. A hierarquia apoiada na idade, entretanto, não é suficiente para impedir a emergência e a manutenção da solidariedade entre os homens (Saffioti, 2015, p. 111-112).

Um dos poucos laços afetivos que Natalina estabelece é com a empregada da família, Margarida, que representa uma relação de empatia e acolhimento: “O carinho morava na cozinha. Vinha de Margarida o lenitivo para a dura existência da menina...” (Evaristo, 2011, p. 23). No entanto, o ambiente opressivo da casa acaba por afastar Margarida, que se demite diante da constante violência emocional perpetrada pela família: “Era impossível continuar trabalhando em uma casa, onde o dono, a dona e seus filhos, aos berros, como se surda ela fosse, ditavam todas as ordens” (Evaristo, 2011, p. 23).

A narrativa de Natalina é emblemática de um ciclo de violência que se perpetua nas relações de gênero. O patriarcado atinge não apenas Natalina, mas todas as mulheres em sua

vida. A autonomia que ela conquistou ao se renomear surge, paradoxalmente, após a morte de seus pais em um acidente de carro, momento em que ela finalmente se libera da identidade imposta: “Natalina Soledad - nome o qual me chamo - repetiu a mulher que escolhera o seu próprio nome” (Evaristo, 2011, p. 24). Este ato de se autoneamar simboliza não apenas uma libertação pessoal, mas também um rompimento com a herança de dor e opressão.

Assim, “Natalina Soledad” nos convida a uma reflexão sobre a complexidade da identidade feminina dentro de um sistema patriarcal e as maneiras pelas quais as mulheres buscam se afirmar em meio a uma cultura de violência. A busca por uma identidade própria, longe dos laços familiares e sociais, é um tema recorrente na literatura, e a história de Natalina destaca a importância de escutar e considerar as vozes das mulheres que, como ela, se reinventam em busca de autonomia e dignidade.

2.3 Shirley Paixão

O conto "Shirley Paixão" narra a história de uma mulher negra, mãe solo de duas meninas, que se envolve com um viúvo que tem três filhas. Ela passa a acolher as meninas como se fossem suas, expressando essa conexão ao afirmar: “As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas” (Evaristo, 2011, p. 28). Ao longo da narrativa, é possível perceber a união e o companheirismo que ela estabelece com as meninas, havendo a necessidade de protegê-las. Em determinado momento, o pai das meninas começa a se incomodar com essa união feminina. Enquanto isso, ela não se deixa abalar, mas sua intuição a alerta sobre o potencial uso dessa união para confrontar um inimigo, que seria o próprio marido:

Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia. Não sei explicar, mas, em alguns momentos, eu chegava a pensar que estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele. Mas como? Por que ele? Até que o tempo me deu a amarga resposta e entendi, então, os sinais que eu intuía e que recusava decifrar (Evaristo, 2011, p. 28).

À medida que o conto avança, a atenção se concentra cada vez mais na filha mais velha do homem, Seni, uma garota de 12 anos, tímida e introvertida, que mantém uma relação conturbada com o pai. Ele não demonstra paciência para com ela, e suas interações são frequentemente comunicadas de implicação. A situação se agrava quando uma professora de Seni convoca Shirley para discutir o comportamento da menina na escola. Seni é uma criança que impõe uma busca pela perfeição e autocensura, provavelmente como reflexo do tratamento severo do pai. Nesse momento, Shirley descobre que o homem é, de fato, seu inimigo e das

filhas. Ao testemunhar uma cena de violência contra a menina Seni, ela declara: “Naquele instante, a vida para mim perdeu o sentido, ou ganhou mais, nem sei. Eu queria salvar minha filha que, literalmente, estava sob as garras daquele monstruoso! Seria matar ou morrer” (Evaristo, 2011, p. 32). Nesse instante, o único desejo de Shirley é proteger a filha daquela monstruosidade, permanecendo ao lado dela. Quando o abuso e a violência vêm de alguém próximo, como um pai, a dor da vítima é ainda mais intensa, pois quem deveria proteger é o próprio agressor. Conforme Saffioti (2015) observa:

(...) o abuso sexual, sobretudo o incestuoso, deixa feridas na alma que sangram, no início sem cessar, e, posteriormente, sempre que uma situação ou um fato lembre o abuso sofrido. A magnitude do trauma não guarda proporcionalidade com relação ao abuso e traição. Feridas do corpo podem ser tratadas com sucesso em muitos benefícios. Feridas da alma também podem ser tratadas. Contudo, as chances de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas, e, em grande parte dos casos, não se obtém êxito (Saffioti, 2015, p. 19).

A pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) (2024) mapeia quem são as vítimas e os algozes no contexto da violência sexual no Brasil. A violação tem ocorrido com mais frequência com meninas negras e os violadores são homens conhecidos pelas crianças: “as vítimas, assim como já demonstradas em outras edições do Anuário, são basicamente meninas (88,2%), negras (52,2%), com no máximo 13 anos (61,6%), que são estupradas por familiares ou conhecidos (84,7%), dentro de suas residências próprias (61,7%)” (FBSP, 2024, p. 161). Esses índices são alarmantes e, muitas vezes, devido à falta de provas, os perpetradores não enfrentam as punições adequadas.

Apesar de um conto de denúncia, do sofrimento vivido de Shirley e de suas meninas, especialmente de Seni, elas conseguem se reerguer e recomeçar, demonstrando que a resiliência pode ser mais poderosa do que a violência enfrentada. Este conto ilustra como a união feminina pode salvar vidas, como Shirley afirma: “A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas-netas que desponta” (Evaristo, 2011, p. 31).

2.4 Adelha Santana Limoeiro

O conto "Adelha Santana Limoeiro" apresenta uma reflexão profunda sobre o envelhecimento, a masculinidade e o papel das mulheres na sociedade. A narradora, inicialmente impressionada com a figura de Adelha, registra nela uma conexão com uma imagem antiga de santa, Santa Ana, a avó de Jesus, que geralmente é retratada como branca. Entretanto, ao projetar suas lembranças sobre a figura de Adelha, ela se transforma em uma representação de "Santana", uma santa negra, associando a mulher à Nanã, a divindade africana

que simboliza a sabedoria, a acolhida e a fortaleza. Essa associação não é meramente estética, mas carrega um simbolismo profundo, em que Adelha se torna uma figura ancestral, conectada com suas raízes, que conhece os desafios e os limites que vêm com o tempo.

A história se revela com Adelha recebendo uma notícia alarmante sobre a saúde de seu esposo, que se encontra em um estado vulnerável, denotando a fragilidade do corpo envelhecido. A descrição do marido, com seu corpo "amolecido", revela não apenas suas especificações físicas, mas também uma crise de identidade ligada à sua masculinidade. Ele buscou um remédio para sua virilidade, mas a tentativa quase trágica leva à reflexão mais ampla sobre os padrões de masculinidade que permeiam a sociedade:

Não foi esse o desejo do velho, nas primeiras horas da manhã. Aliás, foi sim a sua vontade – me assegurou Santana – mas, embaraçado, não podia. Temia a chacota dos amigos, os olhares indiscretos dos vizinhos e, mais do que isso, a crueldade dos homens jovens ao saberem do triste fato acontecido. Ele passara mal em cima do corpo de uma jovem mulher (Evaristo, 2011, p. 35).

A experiência de Adelha começa a enfatizar o machismo que envolve a concepção da masculinidade. O marido, em sua busca desesperada por reafirmar sua virilidade, reflete um ideal que associa o "ser homem" à capacidade de performar sexualmente. Este ideal, reforçado pela cultura patriarcal que valoriza o falo como símbolo máximo da masculinidade, se torna um fardo para ele, evidenciado por suas inseguranças e pela desesperança diante da inevitabilidade do envelhecimento. Saffioti (1987) critica essa "genitalização" da masculinidade e destaca a tragédia dessa perda não apenas para as mulheres, mas para os homens, que se veem limitados e incapacitados de explorar outros aspectos de sua sexualidade:

Lamentavelmente, inclusive para os próprios homens, a sexualidade masculina foi culturalmente genitalizada. Ou seja, o processo histórico conduziu o homem a concentrar sua sexualidade nos órgãos genitais. A maioria dos homens nem sequer sabe que seu corpo possui muitas áreas erógenas. Ignoram, portanto, que podem desfrutar de muito prazer através da manipulação de outras partes de seu corpo. Isso representa uma perda para eles, da qual é importante tomar consciência, a fim de poder combatê-la.

Desta concentração da sexualidade na genitália deriva da expressão falocracia (falo = pênis), ou seja, o poder do macho (Saffioti, 1987, p. 19).

Evaristo estabelece um contraste entre Adelha e seu marido. Enquanto ele se afoga em sua vergonha e lamentos pela perda de identidade do que considera essencial para sua masculinidade, Adelha aceita as mudanças que vêm com o envelhecimento e descobre uma nova forma de vivenciar o prazer, através do compartilhamento das rugas e da experiência acumulada ao longo dos anos. "Eu senti um prazer intenso em cruzar as nossas rugas", ela afirma, subvertendo a narrativa tradicional que vê o prazer como algo restrito à juventude e aos corpos "funcionais". Neste sentido, Evaristo não apenas celebra a sexualidade da mulher mais

velha, mas também desafia as normas impostas pela falocracia, mostrando que o prazer não reside apenas na performance, mas na conexão emocional e física que transcende a mera genitalidade: "Eu quero viver a grandeza de minha velhice e estou conseguindo sem mentiras, sem falsos remédios. Não quero me iludir com a cruel promessa da devolução de um tempo que já passou" (Evaristo, 2011, p. 36).

Ao declarar que "quero viver a grandeza de minha velhice", Adelha reafirma um compromisso com a verdade de sua experiência e rejeita as ilusões que muitas vezes acompanham o envelhecimento. Sua sabedoria é ecoada na ancestralidade que busca na figura de Nanã, que representa uma conexão profunda com a espiritualidade e a resistência. Essa busca pelas desvantagens em meio à dor da perda torna Adelha uma personagem resiliente, que se recusa a se deixar definir por convenções sociais.

Diante do sofrimento do marido, Adelha demonstra uma impressionante sabedoria e generosidade. Ao aconselhá-lo a buscar a juventude através de relacionamentos com mulheres mais jovens, ela não apenas oferece uma possível saída para sua angústia, mas também cria uma espécie de espaço para sua própria liberdade e autonomia. É um ato de amor que reflete a complexidade do cuidado que as mulheres frequentemente exercem na dinâmica familiar e social:

Eu mesma aconselhei ao meu velho que fosse em frente. Que buscasse rejuvenescer o que lhe era tão caro. E, fingidamente, inventei estar em mim uma limitação que não era nem é a minha. Quem sabe, não estaria no meu corpo a causa de sua anunciada morte? Quem sabe, não viria de mim a causa de um desejo tão amolecido dele? – perguntei, ou melhor, quase afirmei para ele. E, desde então, dei assas ao velho, para que ele, na ignorância, na teimosia, no orgulho ferido de macho, voasse em busca daquilo que não se recupera, o vigor da juventude (Evaristo, 2011, p. 36).

O reconhecimento de que a história de seu marido chega ao fim, mas não a sua, cria uma aproximação com a ideia de renascimento. Adelha, portanto, se posiciona não apenas como uma cuidadora, mas como uma mulher que supera suas situações e se prepara para um novo começo, transcendendo a dor e abraçando a possibilidade de um futuro. Poderíamos pensar essas atitudes de Adelha como um chamado à resistência e à celebração da vida, mesmo diante das perdas inevitáveis que todos enfrentamos. Ao final, Evaristo não nos confere apenas uma visão sobre o envelhecimento, mas uma reflexão sobre o que significa ser humano, sobre as conexões que construímos ao longo da vida e sobre as narrativas que escolhemos contar sobre nós mesmos. "Assim a história dele terminou – não a minha", afirma Adelha, ilustrando seu poder intrínseco (Evaristo, 2011, p. 37).

2.5 Maria do Rosário Imaculada dos Santos

O conto "Maria do Rosário Imaculada dos Santos" narra a trajetória de uma mulher sequestrada na infância por um casal, que a leva de sua cidade, Flor de Mim, para o Sul do Brasil. Durante sua infância e adolescência, ela vive servindo como empregada, até que na vida adulta finalmente reencontra sua família. A protagonista narra que, aos sete anos, estava ao lado de sua mãe e irmãos quando avistaram um jipe na estrada. Por ser raro ver um carro passar, ficaram empolgados e decidiram se aproximar do casal. Com o passar do tempo, e após dias e noites de viagem, Maria do Rosário percebeu que havia sido sequestrada e descreve sua confusão inicial:

Nos primeiros dias, eu, na minha inocência, divagava entre o temor e a confiança. Nunca tinha escutado sobre casos de roubo de criança. Em casa, não tínhamos medos de perigos reais e sim de imaginários. Mula sem cabeça, lobisomem, almas do outro mundo... Cobras e bichos os grandes matavam. Inimigos homens não tínhamos, nem ouvíamos os grandes comentarem (Evaristo, 2011, p. 39).

A protagonista inicia sua narrativa com a afirmação: "De Imaculada nada tenho" (Evaristo, 2011, p. 38), explicando que esse nome foi uma invenção de sua família, influenciada por um catolicismo exagerado. Ela reflete: "e me fizeram carregar o peso dessa feminina santidade em meu nome" (Evaristo, 2011, p. 38). No conto, Evaristo estabelece um diálogo entre a história de Maria do Rosário e a de Natalina Soledad, uma mulher que havia adotado um nome próprio, revelando o descontentamento de ambas com seus nomes de batismo. Assim, a afirmação "De Imaculada nada tenho" (Evaristo, 2011, p. 38) não só ressalta a desconexão da personagem em relação ao seu nome imposto, mas também atua como um símbolo da identidade que lhe foi roubada. O nome, frequentemente associado à santidade e a um ideal de pureza, representa a carga de expectativas e limitações que a sociedade impõe às mulheres, especialmente àquelas de origem negra. A invenção de seu "nome de batismo" pela família revela uma tentativa de encapsular a figura da mulher perfeita, enquanto a protagonista se vê em conflito com essa representação, desejando se libertar desse estigma. Essa tensão entre a identidade pessoal e a identidade sociocultural imposta é um reflexo da luta que muitas mulheres enfrentam na construção de sua própria narrativa.

Sendo assim, ela diz que já havia ouvido histórias do mais velho sobre a escravidão de sua gente, que poderia ser vendida. Ao longo do conto, Maria do Rosário diz que viveu vários anos com aquele casal, que um dia tentou pegar o caminho de volta, mas não teve êxito, e quando percebeu estava novamente na casa grande. Afirma que nunca bateram nela, mas é como

se ela não existisse naquela local, não existia afeto, e nunca perguntaram o nome dela, a chamavam de "menina".

Depois de alguns anos, Maria do Rosário começou a esquecer as histórias de sua gente, eram como lembranças distantes, como ela diz: “as deslembranças de vários fatos me doem. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades...” (Evaristo, 2011, p. 42.) Só depois de ganhar um rádio, após aprender a ler, descobriu que estava no Sul do Brasil e que o casal não era estrangeiro, porém estava muito longe de sua cidade. A frase "As deslembranças de vários fatos me doem" (Evaristo, 2011, p. 42) sugere uma dor originada da falta de conexão com sua história, assim como a luta para relembrar, que se torna um ato de resistência. Ao narrar esses momentos de "deslembrança", Evaristo denuncia como a violência sistemática pode despojar indivíduos de suas histórias e legados. As memórias da protagonista tornam-se fragmentadas, refletindo um trauma que a afasta de sua própria cultura.

O casal de sequestradores representa o poder do privilégio social e econômico que marca a sociedade brasileira, especialmente em relação à população negra e pobre, sentem-se autorizados a cometer esse ato de violência, sequestrando uma criança negra. Essa história relembra o período da escravidão no Brasil, que as famílias negras eram frequentemente separadas pelos senhores de escravos. Além disso, o sequestro por parte de um casal branco reflete uma crítica social importante, Evaristo nos mostra sobre as desigualdades raciais e econômicas, que permitem que pessoas brancas e ricas exerçam poder sobre corpos negros e pobres, muitas vezes justificando seus atos como caridade ou benevolência, e não reconhecem a violência inerente a esses gestos.

Mesmo ela longe da família, nunca perdeu as esperanças de voltar para sua família, mas, depois de oito anos que havia sido roubada, recebera a notícia que o casal havia se separado e ela ficaria com uma tia deles, e assim pela segunda vez, ela seguiu um caminho desconhecido com uma mulher desconhecida. Foi para uma cidade movimentada, assustadora, e seu cachorro Jesuszinho morreu. E nessa nova casa, tudo diferente, teve que aprender a cozinhar, passar e cuidar de crianças. E depois dessa casa, acabou indo para outras, e sobre o casal que a roubou diz que: "Nunca mais soube do casal que me roubou de meus pais. Nunca entendi qual foi a intenção deles" (Evaristo, 2011, p. 44).

Maria do Rosário é um exemplo de resistência e autonomia, especialmente em sua relação com a maternidade. Ao optar por não ter filhos e afirmar que "as vezes em que engravidei, não deixei chegar ao término" (Evaristo, 2011, p. 45), a protagonista desafia normas e expectativas patriarcais que muitas vezes colocam a maternidade como um destino inevitável para as mulheres. Essa escolha é um ato de afirmação de sua liberdade, uma forma de se

reapropriar de seu corpo e de sua vida. Conceição Evaristo engaja-se nessa discussão ao problematizar a ideia de que a maternidade deve ser uma consequência da sexualidade feminina, fazendo ecoar os conceitos discutidos por autoras como bell hooks (2018), que defendem a autonomia das mulheres em decidir sobre seus próprios corpos e destinos: " Se uma mulher individual deve ou não fazer aborto é uma questão puramente de escolha" (Hooks, 2018, p. 128).

O reencontro de Maria do Rosário com sua irmã, após 35 anos, é um poderoso símbolo de esperança e recuperação da identidade. A frase "A nossa voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemo-nos. Eu não era mais a desaparecida" (Evaristo, 2011, p. 47) mostra que, apesar de todo o sofrimento, a memória e os laços familiares podem prevalecer. Essa cena é um ponto crucial, pois representa não apenas a reunião de duas irmãs, mas também a possibilidade de reconstrução identitária, do pertencimento e da efetiva superação de traumas. O reencontro destaca a resistência da população negra em face das adversidades, mostrando que os laços familiares e comunitários podem ser uma fonte de força e resiliência.

2.6 Isaltina Campo Belo

O conto "Isaltina Campo Belo", de Conceição Evaristo, explora questões profundas de identidade, resistência e resiliência de uma mulher negra, homoafetiva, que enfrenta múltiplas formas de violência e exclusão ao longo de sua vida. A história é uma poderosa narrativa sobre a capacidade de reexistência de mulheres negras, que, como a protagonista, transformam suas dores em formas de luta e sobrevivência.

Isaltina é apresentada como uma heroína, que assume sua sexualidade e enfrenta os traumas de sua vida, incluindo um episódio brutal de violência sexual que culmina em uma gravidez não planejada. Esse evento, traumático por natureza, não apaga sua essência nem altera sua orientação sexual, demonstrando uma força interna que desafia os padrões de gênero e sexualidade estabelecidos pela sociedade patriarcal. Ao invés de se submeter ao que seria esperado em uma sociedade que marginaliza e silencia corpos negros e femininos, Isaltina encontra caminhos para se ressignificar e viver sua verdade.

Desde o início, a relação entre Isaltina e a entrevistadora que narra a história sugere uma troca de afetos e empatia, onde o relato de vida é contado com orgulho, marcado pela presença constante da filha Walquíria. A foto de Walquíria é um símbolo da resiliência de Isaltina, que,

mesmo após um estupro coletivo, encontra no amor maternal e em suas conexões afetivas a força para continuar.

Isaltina já recebe a entrevistadora/ouvinte com um abraço e se diz honrada com sua presença, e entre sorrisos espontâneos ela se recorda de algo que leu “sobre o porquê de as mulheres negras sorrirem tanto” (Evaristo, 2011, p. 48). Então começa a narrar, que a protagonista gostava de ser chamada de Campo Belo, tinha uma filha chamada Walquíria de trinta e cinco anos e mostrava sua foto, a exibia orgulhosamente, e diz que: “Durante toda a narração da história, a foto de Walquíria não nos abandonou, ora nas mãos de Isaltina, ora nas minhas” (Evaristo, 2011, p. 49) e era como se Isaltina estivesse falando seu relato para a filha e não para ela, sendo assim ela diz, que não fez perguntas, apenas ficou em silêncio ouvindo, “o momento de fala não era meu” (Evaristo, 2011, p. 49).

Isaltina Campo Belo reflete sobre sua infância, onde já se percebia “diferente”, tanto em termos de gênero quanto de sexualidade. Ela descreve o estranhamento com relação ao seu corpo feminino e o modo como os desejos por outras meninas surgiam, ainda que ela os reprimisse por anos. A incapacidade da mãe e do pai de perceberem essa diferença foi um ponto de conflito interno para Isaltina, sobretudo com sua mãe, de quem ela esperava compreensão: “Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino” (Evaristo, 2011, p. 50); “A todos eu perdoava o desconhecimento que tinham ao meu respeito, menos à minha mãe. Impossível acreditar que ela não soubesse quem eu era” (Evaristo, 2011, p. 52.)

Aqui, Conceição Evaristo aborda, de maneira sensível, a questão da homossexualidade e da não conformidade de gênero, trazendo à tona o sentimento de inadequação que permeou a juventude de Isaltina. Ela se sentia como um menino preso em um corpo feminino, o que a levou a viver anos de negação e repressão de seus desejos. Essa repressão, conforme descrito por Isaltina, foi um elemento constante em sua vida até o início da vida adulta.

A história adquire contornos ainda mais dramáticos quando Isaltina narra seu relacionamento com um colega de faculdade, que dizia “e afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois, afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra...” (Evaristo, 2011, p. 55) que culmina em uma violência sexual brutal. A agressão sexual é descrita como um ato extremo de poder patriarcal, no qual o corpo feminino é objetificado e violado, em uma tentativa de “corrigir” sua identidade homoafetiva. Essa tentativa de impor a heteronormatividade por meio da violência reflete a persistência de uma visão machista e patriarcal que enxerga a mulher negra como objeto de desejo sexual, tal como analisado por bell hooks (1981, p. 79): “a sua percepção sobre as mulheres negras como um objeto sexual

degradado é semelhante às percepções dos homens brancos sobre as mulheres negras.” A hipersexualização da mulher negra é vista tanto por homens brancos quanto por homens negros, sendo ambos cúmplices de uma opressão histórica.

O impacto dessa violência é avassalador, mas não definitivo. Isaltina carrega o trauma, mas não se define por ele. Mesmo com o peso da vergonha e da impotência que sentiu após o estupro, ela segue em frente, e a gravidez resultante desse ato não foi o fim de sua história. A chegada de Walquíria, sua filha, lhe dá uma nova razão para viver. Em um gesto de resistência silenciosa, Isaltina não revela o pai da criança e conta apenas com o apoio de sua família, que respeita seu silêncio.

O nascimento de Walquíria representa mais do que a continuidade da vida. É o símbolo de um renascimento para Isaltina, que, posteriormente, encontra em Miríades, a professora de sua filha, uma nova chance de viver o amor que reprimiu durante tanto tempo. A relação com Miríades desperta em Isaltina a liberdade de se aceitar como mulher e como homoafetiva, sem medo do julgamento alheio. Ao reconhecer seus próprios desejos e assumir seu amor por outra mulher, Isaltina finalmente encontra paz consigo mesma.

O final do conto, com a frase "Tamanha foi a nossa felicidade. Das três. Miríades, Walquíria e eu", evidencia a conquista de uma plenitude afetiva e emocional. Isaltina, que começou sua jornada marcada por traumas e negações, termina com uma vida plena, cercada de amor e aceitação, tanto de sua filha quanto de sua parceira. Esse final é um ato de afirmação contra todas as formas de opressão que tentou silenciá-la ao longo da vida.

A história de Isaltina é, portanto, uma narrativa de superação, que desafia normas sociais sobre gênero, raça e sexualidade. Conceição Evaristo nos oferece um retrato profundo da complexidade das vidas de mulheres negras no Brasil, especialmente aquelas que, como Isaltina, navegam pelas margens de uma sociedade que tenta apagá-las. Contudo, através de sua resiliência, Isaltina não só sobrevive, mas floresce, tornando-se símbolo de resistência e afirmação da vida.

2.7 Mary Benedita

Mary Benedita é uma personagem que, desde o início, rompe com os padrões patriarcais e questiona as estruturas de poder tradicionalmente associadas às narrativas sobre mulheres negras. Sua inteligência singular, revelada por seu interesse por línguas estrangeiras e instrumentos musicais, faz dela uma figura que desafia o que se espera de mulheres negras na literatura. Esse rompimento com as convenções tradicionais e a valorização do poder feminino

também se reflete em outras personagens da obra de Evaristo, como Isaltina, uma enfermeira que busca novas oportunidades na cidade grande. Ambas as mulheres transcendem as fronteiras da normatividade, rompendo com as limitações impostas pelo patriarcado e pelo racismo, ao perseguirem sonhos que as colocam em posição de confronto com as normas estabelecidas.

O fascínio de Mary Benedita por línguas estrangeiras e africanas é um dos elementos centrais para sua construção como personagem, desafiando a ideia de que mulheres negras estão culturalmente limitadas ou presas ao espaço doméstico:

Além do português, sabia falar com desenvoltura: inglês, francês e espanhol. Tinha, ainda, um conhecimento relativo de algumas línguas africanas, como o quimbundo e o suahile, da mesma forma que falava, sem muitas dificuldades, o grego e o árabe. Conhecia também muito do vocabulário norueguês e tcheco, assim como a estrutura linguística e gramatical desses idiomas. Portanto, lia, mas articulava muito mal os sons dessas duas línguas, me afirmou ela. A sua competência poliglota ia sendo construída aos poucos como autodidata. Só a aprendizagem do inglês tinha sido adquirida em um breve curso (Evaristo, 2011, p. 60).

A habilidade poliglota de Mary não é apenas um traço de sua personalidade, mas também uma ferramenta de resistência e autonomia. Ao dominar diversas línguas, especialmente africanas, ela reafirma sua conexão com a ancestralidade e subverte a hegemonia cultural europeia. O domínio das línguas estrangeiras por uma mulher negra reafirma a ideia de que o acesso ao conhecimento erudito e cosmopolita não é exclusividade das classes brancas e elitizadas. Mary constrói, a partir de sua autodidaxia, uma ponte entre o local (Manhãs Azuis) e o global (as diversas línguas e culturas com as quais entra em contato), reconfigurando as possibilidades de existência e de pertencimento cultural para mulheres negras:

Mas como, uma menina nascida em Manhãs Azuis, a sétima de dez filhos, no seio de uma família de pequenos lavradores, poderia ganhar o mundo, aprender línguas, pintar quadros e tocar piano? Como, *My sister?* Como? – insistia Mary Benedita, olhando desafiadoramente para mim, me afirmando talvez que eu tinha a resposta. Só ela sabia. Eu sei – afirmou vitoriosa – *my way* foi também uma criação minha. Que ouvir? (Evaristo, 2011, p. 61).

A decisão de Mary de fingir uma doença para ir à capital e escapar das limitações de sua cidade natal é um ato de insurgência contra o destino que lhe foi imposto. Ao se mudar para a casa da tia Aurora, uma mulher solteira e independente, Mary encontra uma aliada em sua busca por liberdade e conhecimento. Aurora, por sua vez, é retratada como uma figura que rompe com os moldes tradicionais da feminilidade patriarcal. Seu estilo de vida independente e sua recusa em seguir as normas familiares, sendo rotulada como a "ovelha desgarrada da família" (Evaristo, 2011, p. 62), posicionam-na como um modelo alternativo de mulher para Mary. A própria afirmação de que Aurora "seria a pessoa menos indicada para cuidar de uma mocinha" (Evaristo, 2011, p. 63) por ser solteira e morar sozinha (Evaristo, 2011, p. 62)

evidencia o quanto a sociedade patriarcal desconfia de mulheres que fogem aos papéis tradicionais.

A resistência de Mary não está apenas em sua recusa em aceitar o destino imposto, mas também em sua capacidade de negociar e persuadir seus pais a deixá-la morar na capital. O trecho abaixo ilustra esse momento de resistência:

Entendi, então, a gravidade do momento. Vi que meu destino estava prestes a ser traçado à minha revelia. Não podia ser assim. A vontade tinha que ser minha. Tratava-se de *ma vie*, de *mon avenir*. Depois de muito choro de minha parte, de lamentações de minha tia, de repreendas severas de minha mãe e da voz embargada de meu pai, chegamos a um acordo. Eu ficaria (Evaristo, 2011, p. 65).

Esse fragmento ressalta a importância da autodeterminação de Mary. Ela compreende que seu destino não pode ser decidido por outrem e reivindica o direito de escolha sobre sua própria vida. Essa passagem ecoa o movimento de mulheres negras que, historicamente, têm lutado por autonomia e pela construção de suas próprias trajetórias, mesmo em meio a uma sociedade que tenta constantemente silenciá-las e controlá-las.

A partir de sua convivência com Aurora, Mary mergulha no universo da música e da arte. Ao aprender a tocar instrumentos como o corá, tradicionalmente conhecido como "harpa africana", e ao frequentar aulas de piano e violino, ela subverte as expectativas de que mulheres negras estão alheias ao mundo erudito. A música, assim como as línguas, torna-se uma forma de ampliar seus horizontes e ocupar espaços tradicionalmente reservados às elites brancas. A personagem de Aurora também exemplifica uma transgressão significativa: uma mulher afrodescendente ensinando música ocidental a alunos brancos, o que desafia as hierarquias raciais e de classe.

O talento artístico de Mary não se restringe à música. Ela também desenvolve sua habilidade na pintura de forma autodidata, utilizando técnicas aprendidas com as mulheres de sua família, como a extração de tintas de plantas. Essa conexão com o saber ancestral reforça a importância da ancestralidade africana na construção da identidade de Mary, como ela mesma afirma:

Aprendi com as mulheres de minha família a extrair sumos de plantas. Cresci vendo minha mãe macerar folhas para tingir nossas roupas. Tínhamos um guarda-roupa naturalmente colorido. Aprendizado que ela herdou de minha avó, que já havia recebido esse legado de outras mulheres mais antigas ainda, desde o solo africano (Evaristo, 2011, p. 67).

Assim, Evaristo faz referência à ancestralidade ao pontuar que o conhecimento resiste de geração em geração, pois "as raízes de sua arte estão fincadas em seu povo" (Pereira, 2018, p. 67). A utilização do próprio sangue por Mary em suas pinturas, seja o menstrual ou o que

colhe de cortes em seu corpo, é uma poderosa metáfora para a apropriação do próprio corpo como espaço de resistência. Esse ato não apenas rompe com o tabu histórico em torno da menstruação, como também ressignifica o corpo feminino como veículo de criação, e não apenas de submissão. Como descreve Silva (2016):

A revelação de que a tinta usada para pintar os quadros que traz consigo, desde o início da conversa, é o sangue que colhe de si – tanto o menstrual quanto o que consegue por meio de cortes em seu próprio corpo – insere no espaço literário um corpo/mulher marcado pela violência, mas livre. A menstruação historicamente condicionada ao silêncio e segregada pela Literatura Universal irrompe as barreiras da arte contemporânea (Silva, 2016, p. 1033).

Essa passagem insere Mary Benedita no rol das personagens femininas que subvertem as noções tradicionais de fragilidade e passividade, ao usar sua dor e seu corpo como elementos centrais de sua criação artística. Sua prática transcende a simples arte, tornando-se um ato de resistência política e existencial.

Finalmente, o empoderamento de Mary Benedita emerge de sua capacidade de se afirmar como uma mulher negra em uma sociedade opressora, machista e racista. Sua trajetória, marcada pela educação, pela arte e pela música, é um símbolo da resistência e da possibilidade de transformação. Como observa Pereira (2018, p. 67): "Esse conto tira a mulher negra de um lugar comum na narrativa literária. Aí, ela não tem um emprego subalterno nem expõe o corpo como objeto sexual, mas é uma artista com grande potencial intelectual e criativo – uma mulher por inteiro".

2.8 Mirtes Aparecida Daluz

O trecho relata a história de Mirtes Aparecida Daluz, uma mulher negra com deficiência visual, cuja trajetória reflete questões profundas de dor, superação e representações sociais de gênero e deficiência. Desde o início, Daluz carrega uma história marcada pela dualidade entre a criação de uma nova vida e a perda trágica do marido no mesmo instante do nascimento de sua filha. Esse contraste nos convida a refletir sobre as fragilidades humanas, principalmente no que diz respeito à incapacidade de lidar com o inesperado e o desconhecido.

A cegueira de Daluz, que à primeira vista pode ser vista como uma limitação, é desconstruída pela força com que ela narra sua história e pela capacidade de superar a perda. Ao longo de seu relato, Daluz revela que seu marido, durante toda a gestação, foi tomado por um misto de alegria e angústia, possivelmente provocado pelo medo de que sua filha nascesse cega, assim como a mãe:

– Talvez, meu companheiro tenha sido vítima de uma angustiante imaginação. Enquanto eu aguardava pela criança, engravidada pela alegria de estar me tornando mãe, ele não. Um confuso e angustiante sentimento de paternidade de um filho, que ele não sabia como poderia ser, estaria sendo vivido por ele. Durante os nove meses, desde o momento em que nos percebemos grávidos, ainda no primeiro mês, meu companheiro, talvez desenhasse, na amedrontada imaginação dele, uma criança que poderíamos ter (Evaristo, 2011, p. 71).

Essa angústia que afligia o pai culmina em seu suicídio no exato momento do nascimento da filha. O texto nos leva a entender que o suicídio, embora trágico, é fruto de uma incapacidade masculina de lidar com suas próprias inseguranças e fragilidades. Isso reforça a visão da sociedade patriarcal que frequentemente nega o espaço para os homens expressarem vulnerabilidades, gerando respostas extremas em momentos de medo e incerteza. Ao optar por tirar a própria vida, o marido deixa Daluz sozinha para enfrentar a dor da perda e a responsabilidade de criar a filha, Gaia Luz.

Entretanto, Daluz não se deixa abater. Sua força fica evidente à medida que ela encontra na criação de Gaia uma nova forma de enxergar o mundo, mesmo sem visão. A referência final aos olhos de sua filha, que herdaram os “belos olhos acastanhados escuros do pai” (Evaristo, 2011, p. 73), marca uma reconciliação simbólica com a perda e reforça a ideia de que Gaia carrega não apenas a memória do pai, mas também uma visão independente e livre, que se desvia do temor que o pai tinha. A metáfora dos olhos de Gaia, que "enxerga como você" (Evaristo, 2011, p. 73), implica não só na visão física, mas em uma nova maneira de ver e interpretar o mundo, livre das amarras que outrora prenderam o pai.

Esse conto oferece uma crítica à masculinidade normativa e à forma como a deficiência é vista pela sociedade. Evaristo desconstrói essas narrativas ao centralizar uma mulher negra com deficiência como uma figura de força, que, mesmo diante de enormes adversidades, é capaz de transcender sua condição e dar um novo sentido à vida.

2.9 Líbia Moirã

No conto "Líbia Mirã", Evaristo constrói a trajetória de uma mulher marcada por um pesadelo recorrente, que a persegue desde a infância e reflete traumas profundos não verbalizados. Desde seus cinco anos, o pesadelo a fazia acordar assustada, buscando refúgio no quarto dos pais, mas sem receber o acolhimento esperado, pois seu irmão caçula dormia com eles e, frequentemente, ambos eram dispensados pela mãe. Esse comportamento familiar de negação do cuidado e do consolo já aponta para uma infância marcada por certa negligência emocional, em que as necessidades de Líbia eram minimizadas, e seu medo era tratado com

indiferença ou escárnio. Sem apoio dos pais ou dos irmãos mais velhos, que apenas debochavam de seu medo, Líbia cresceu isolada em seu sofrimento, adormecendo apenas quando exausta: “Mamãe, sem me consolar, quando acordava, me despachava do quarto e, muitas vezes, o caçulinha era banido também” (Evaristo, 2011, p. 75).

Diante de tudo que ela vivia, os mais velhos aconselhavam “remédios, benzeções, julgamentos, diagnósticos... E, também, a interdição de passar as férias, ou uma noite sequer, na casa de meus avós, de minhas tias ou de qualquer parente” (Evaristo, 2011, p. 75). E aos dez anos de idade, depois de vários sofrimentos, apelidos, e ouvir histórias de pessoas que morriam dormindo, tentou se matar se atirando dentro das correntezas, mas foi salva pelos seus familiares. Passados um ano, tentou se matar tomando veneno. No domingo, dia de Nossa Senhora do Rosário, ‘protetora dos negros’, foi a procura do veneno no quartinho e novamente escapou da morte e diz que: “Tive tanta raiva, que esconjurei a proteção da Santa. Só anos depois fiz as pazes com ela e com a vida” (Evaristo, 2011, p. 77).

Aos vinte e três anos, Líbia tenta o suicídio novamente, desta vez após sofrer *bullying* na faculdade e no trabalho. Aqui, Evaristo toca em um tema delicado: a contínua marginalização da personagem em diferentes fases de sua vida, não apenas no espaço familiar, mas também nos espaços acadêmicos e profissionais, onde a violência simbólica e as microagressões que ela sofre a levam ao esgotamento mental e físico. Mesmo após essa terceira tentativa, o pesadelo persiste, e Líbia busca ajuda em diversas terapias e práticas alternativas, como análise, hipnose e ioga, sem conseguir uma melhora significativa: “tentou diversas terapias, análise, hipnose, ioga, exercícios de relaxamentos, tive uma ínfima melhora” (Evaristo, 2011, p.78).

O ponto de virada na vida de Líbia ocorre durante a comemoração dos cinquenta anos de seu irmão caçula, quando ela finalmente consegue desvendar o mistério por trás do pesadelo que a atormentou por décadas. Durante essa celebração, ela recupera memórias reprimidas de sua infância e relembra, com a confirmação de sua tia, que aos quatro anos presenciou o parto prematuro de seu irmão. A cena do nascimento, com a mãe gritando de dor e sangrando enquanto o bebê tentava sair de um espaço pequeno e apertado, é uma visão perturbadora para uma criança, e essa experiência foi internalizada por Líbia em forma de pesadelo:

Na celebração dos cinquenta anos dele, recuperei visões do profundo de minhas lembranças, minha tia presente confirmou a história. Uma volta no tempo me permitia significar um sofrimento que eu vinha carregando a vida inteira. Eu tinha visto meu irmãozinho nascer. Pequena, de pé, agarrada ao berço, no qual eu dormia, no quarto de meus pais, assisti a todo o trabalho de parto de minha mãe. O neném estava nascendo antes do tempo (Evaristo, 2011, p. 79-80).

A revelação desse trauma de infância não apenas explica o pesadelo, mas também serve como um momento de ressignificação para Líbia. Ela finalmente consegue compreender que o sonho recorrente não era apenas uma manifestação de medo irracional, mas sim o reflexo do sofrimento que presenciou durante o nascimento do irmão, uma situação que não foi explicada nem processada emocionalmente na época. A partir desse momento de clareza, Líbia passa a reconciliar-se com sua própria história e até mesmo com a ideia da maternidade, algo que antes parecia impensável para ela: “felizmente, como ocorre nas histórias de Evaristo, também um dia o mistério do sonho recorrente é desvendado. (...) As cenas presenciadas doeram fundo nela também, traumatizando-a por quase toda a vida” (Duarte, 2018, p. 154).

A ressignificação do pesadelo também revela o impacto do trauma geracional e como experiências familiares podem moldar, silenciosamente, a subjetividade de uma pessoa. Ao assistir o parto de sua mãe em uma idade tão tenra, Líbia internalizou a dor e o sofrimento daquela experiência, carregando essas memórias de maneira inconsciente por toda a vida. Evaristo, ao trazer esse desfecho, não apenas oferece uma resolução para a personagem, mas também uma crítica ao modo como traumas infantis são frequentemente ignorados e como isso afeta a vida adulta, especialmente no caso de mulheres negras que, historicamente, têm suas dores invisibilizadas ou banalizadas.

Ao finalizar o conto com o desejo de Líbia em ser mãe, Evaristo sugere um ciclo de cura e renovação, em que a personagem, ao revisitar seu passado traumático, encontra forças para imaginar um futuro diferente, transformando sua experiência de dor em uma possibilidade de amor e criação.

2.10 Lia Gabriel

O conto *Lia Gabriel* aborda a história de uma mãe solo de três filhos, vítima de violência doméstica, cujo filho mais novo, Máximo Gabriel, sofre de esquizofrenia. Logo no início, Evaristo estabelece uma conexão entre as histórias de diferentes mulheres ao afirmar que, ao ouvir a narrativa de Lia, lembrou-se de todas as outras mulheres que havia escutado, como Aramides, Shirley, Isaltina, entre outras. Para a narradora, essas mulheres "desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. E depois elas mesmas, a partir de seus corpos de mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo" (Evaristo, 2011, p. 81).

Lia começa sua história expressando o desejo antigo de contar suas experiências, e logo menciona seus filhos. O mais novo, Máximo Gabriel, de apenas quatro anos, foi diagnosticado com esquizofrenia. Após o diagnóstico, Lia percorreu diversos hospitais e consultou diferentes

médicos, buscando exames e tratamentos que pudessem aliviar a condição do filho. Sua angústia era compreender como cuidar de uma criança que, em alguns momentos, era doce, mas, em outros, agressiva, com delírios de perseguição e visões de monstros que pareciam sempre estar atrás dele. Durante essas crises, Máximo machucava a si mesmo, batendo a cabeça na parede e se jogando ao chão, enquanto Lia e as filhas gêmeas, impotentes, apenas choravam.

Em determinado momento, Lia antecipa a pergunta da narradora sobre o pai das crianças, e responde: "Do pai, com certeza, você deve estar me perguntando sem perguntar" (Evaristo, 2011, p. 83). Ela continua explicando que o pai já havia partido após uma briga violenta, deixando-a sozinha com os filhos. Lia então narra como pegou as crianças e foi para a casa de sua mãe, buscando cuidar das feridas físicas e emocionais. Ao retornar para casa, descobriu que o homem havia levado tudo, deixando-a e os filhos sem nem mesmo as roupas. A partir desse episódio, Lia abandonou seu trabalho na escola e passou a dar aulas particulares em casa, além de realizar pequenos consertos em aparelhos domésticos durante a madrugada. Foi, inclusive, a primeira mulher a ter uma oficina eletrônica na cidade, chamada "Tudo tem conserto", equilibrando essas atividades com o cuidado das filhas e, especialmente, de Máximo Gabriel, que iniciava seu tratamento. Como observa Natália Oliveira (2018, p. 168): "Lia enfrenta várias adversidades e luta para sustentar três filhos sozinha, enquanto cuida de Máximo Gabriel, que exige atenção especial".

Lia menciona que o pai das crianças não era mais lembrado por ela ou pelos filhos: "Do pai, nenhum comentário. Nem a lembrança de um morto era, pois, para os mortos celebram-se missas, acendem-se velas, deitam-se bebidas em oblação. Era como se o pai nunca houvesse existido" (Evaristo, 2011, p. 85). A ausência paterna, aqui, não é sentida pelos filhos, mas a sobrecarga materna é evidente e comum em muitas famílias, em que as mulheres criam os filhos sozinhas, sem apoio financeiro ou emocional dos pais. Sobre isso, Natália Oliveira (2018, p. 160) diz: "A maternidade é um tema que ecoa nessas histórias, caracterizadas por mães que lutam para sobreviver e garantir a segurança de sua família em uma sociedade racista e sexista".

Aos quinze anos, durante uma crise de Máximo Gabriel, Lia, temendo que ele se machucasse gravemente, permitiu sua internação. Ele passou a ser assistido pela Dra. Celeste Rosas, que pediu para que eles se afastassem por um tempo, na tentativa de entender a origem da raiva de Máximo. Durante esse período de afastamento, surgiu o nome do pai: "o maldito nome do pai, o nome da má hora, trouxe, então, a lembrança da tormenta que ele um dia infligiu a mim e às crianças" (Evaristo, 2011, p. 86).

Lia, então, revela a violência doméstica que sofreu quando as gêmeas tinham três anos e Máximo Gabriel estava prestes a completar dois. Depois de ser espancada no quatinho da

empregada, ela lutava em silêncio contra os abusos, tentando não assustar ainda mais as crianças, que presenciavam tudo. Oliveira (2018) destaca que o silêncio de Lia é uma forma de resistência, embora também revele a crueldade da violência a que estava submetida. A brutalidade da situação é exacerbada pela necessidade de silenciar sua dor diante dos filhos, enquanto lutava para manter a sanidade e proteger as crianças de uma realidade que parecia insuportável:

Depois, ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu, com Gabriel no colo. E, quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava (Evaristo, 2011, p. 87).

Diante do fragmento citado, Evaristo provoca um desconforto no leitor ao apresentar uma cena incômoda e perturbadora. A violência, que permeia a narrativa, não deve ser encarada apenas como um elemento dramático; ela deve nos inquietar e nos levar a uma reflexão crítica sobre suas implicações. Oliveira (2018, p. 170) elucida essa questão ao afirmar que “a violência contra Lia e seu filho pode ser vista como uma monstruosidade, fundamentada na cultura do estupro que permite aos homens agirem de forma agressiva contra mulheres, tornando-se, em cada ato, mais violentos e mais cruéis.” Essa observação sublinha a normalização da violência, que se insere nas dinâmicas de poder e controle profundamente enraizadas em nossa sociedade.

Após sofrer esse ato covarde, Lia busca abrigo na casa de sua mãe, que a acolhe com carinho. Embora o refúgio materno seja um espaço de acolhimento, é significativo notar que a mãe sugere que Lia retorne para conversar com seu marido, enfatizando a importância da reconciliação e da manutenção da família. Essa atitude suscita uma série de questionamentos: como pode uma mãe aconselhar sua filha a voltar para casa onde ocorreu violência? Por que a violência doméstica é menosprezada e o marido, na maioria das vezes, absolvido? A interação entre Lia e sua mãe evidencia a dificuldade de romper com os paradigmas patriarcais que condenam as mulheres à submissão e à acessibilidade da violência, como Oliveira (2018, p. 170) ressalta.

Apesar de toda a violência sofrida, Lia é retratada como uma mulher resiliente que, por meio da maternidade, encontra razões para resistir e lutar. Sua jornada se transforma em um símbolo de superação, desafiando não apenas a opressão que causou, mas também os limites impostos por uma sociedade que muitas vezes marginaliza e silencia as vozes femininas.

2.11 Rose Dusreis

Rose Dusreis é uma bailarina e dançarina negra, professora de dança que ensina balé clássico, dança afro, dança moderna e sapateado. Sua história é singular e se desdobra de uma maneira que instiga a curiosidade e a admiração da narradora, que, fascinada por seu vigor, busca compreender as nuances da vida de Rose.

A narradora começa dizendo que fora para academia de dança da Rose, mesmo não tendo aptidão para a dança, mas o que a interessou, entretanto, é além da dança. Ela descreve Rose como uma jovem de estatura pequena e sorriso iluminado, que, à primeira vista, parece transparecer fragilidade. No entanto, contrasta essa impressão inicial com o fato de que Rose é a mais solicitada para dançar. “Nada em Rose, o minguado talhe, o rosto com expressividade de boa menina, a voz esfiapada e lenta, indicava o vigor que ela possuía. E nem deixou transparecer os desafios enfrentados e vencidos por ela” (Evaristo, 2011, p. 90). A partir desse retrato, iniciamos um mergulho na complexidade de sua existência.

Rose narra com emoção que nasceu para dançar, mesmo que, para sua família, essa paixão não significasse nada, uma vez que ser dançarina não era garantia sustento. O balé clássico, no entanto, se torna um universo mágico para ela, especialmente quando a professora Atília Bessa abriu as portas das aulas para que o público assistisse aos ensaios. Ela e suas amigas pobres não tinham acesso às aulas particulares de balé, que eram restritas à elite. A tensão racial e de classe se denunciava quando uma professora, que também lecionava música na escola pública, diferenciava o tratamento entre suas alunas brancas e negras. “Durante as aulas de música para as crianças. No geral, essa professora era temida por sua severidade (...). Entretanto, nas aulas de balé, dadas fora do horário escolar para um grupo específico de meninas, Atília Bessa, era só gentileza, só candura” (Evaristo, 2011, p. 92). Essa diferenciação é um reflexo do racismo estrutural e institucional, conforme explica Grada Kilomba (2019, p. 76): “É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. E, nesse sentido, o racismo é a supremacia branca”.

Em busca de inclusão, Rose tenta participar das aulas de balé. Diante da impossibilidade financeira, propõe um acordo: sua mãe lavaria roupas em troca de aulas. No entanto, é rejeitada e, ainda por cima, escolheu a cruel afirmação de que “o meu tipo físico não era propício para o balé” (Evaristo, 2011, p. 92). Aos oito anos, essa realidade era incompreensível para ela, mas com o tempo, a dor dessa exclusão se torna mais clara. Outro episódio de discriminação a marca: propõe uma apresentação escolar como “bonequinha preta”, Rose é substituída, em cima da hora, por uma garota branca pintada de preto, mesmo após receber elogios das professoras. A análise de Kilomba (2019) aprofunda a compreensão do racismo que permeia a vida de Rose:

A realidade do racismo, os encontros subjetivos, as experiências, as lutas, o conhecimento, a compreensão e os sentimentos dos negros no que diz respeito ao racismo, assim como as cicatrizes psíquicas que o racismo nos causa, têm sido amplamente negligenciados (Essed, 1990; 1991). Tais fatores só se tornam visíveis nas esferas públicas e acadêmicas quando a normalidade da cultura nacional branca é subitamente perturbada, quando nossas experiências com o racismo colocam em risco o conforto da sociedade branca. Nesse momento, nós e nossa realidade com o racismo nos tornamos visíveis, faladas/os e até mesmo escritas/os, não porque talvez possamos estar em perigo ou em risco, ou precisar de proteção legal, mas sim porque tal realidade desconfortável perturba a estável imunidade branca (Kilomba, 2019, p. 72).

Mesmo com todas as dificuldades, preconceitos, Rose não desistira do sonho de ser bailarina. E aos nove anos, ela passa pelo momento mais doloroso da sua vida, a perda do seu pai. Podemos observar que Evaristo sempre coloca o personagem masculino ausente ou como um personagem secundário ou até mesmo irrelevante para a história, e quase sempre não o nomeiam.

A vida já se mostrava implacável para Rose, não apenas por sua condição de mulher negra e pobre, mas também pela necessidade de sustentar sua família em meio a adversidades extremas. Com a morte de seu pai, era responsável por sua mãe e suas quatro irmãs. No entanto, uma tragédia familiar se aprofunda quando uma irmã mais velha, com apenas onze anos, se vê obrigada a deixar o lar em busca de trabalho como babá. Nesse contexto, Kilomba (2019, p. 93) destaca uma realidade cruel: “nesse cenário, a jovem menina não é vista como uma criança, mas sim como uma servente”. A separação torna-se outro golpe emocional para Rose, que logo seria entregue à Congregação das Amadas do Calvário de Jesus.

Além disso, a marginalização da família de Rose se revela nos laços que sua mãe tinha com a antiga família de seu falecido pai, os Fontes dos Reis Menezes. A autora afirma que a formação desse “nó familiar” remonta a uma época em que os homens da casa grande se viam como proprietários de corpos de mulheres, homens e crianças da senzala (Evaristo, 2011, p. 95). Assim, torna-se evidente a história de uma miscigenação violenta, nascida de estupros, refletindo a dor e o desamparo de uma linhagem que, mesmo em sua condição de descendência, nunca foi reconhecida como parte da família. O sobrenome 'Dusreis' é uma marca de uma exclusão que ecoa as cicatrizes do passado e da segregação.

Enquanto sua mãe permanece em casa com as irmãs mais novas, Rose foi enviada para o convento. Na Congregação, ela teria acesso às aulas de canto e dança, mas em troca, estaria obrigada a realizar todos os serviços domésticos: cozinhar, lavar, passar e arrumar. Neste ambiente, Rose se deparou com a dura realidade de que as meninas negras e pobres eram vistas como trabalhadoras, desempenhando papéis de domésticas. Contudo, mesmo em tal condição, ela recebeu uma educação que, para a época, só poderia ser acessada por aqueles que pertenciam

à elite. Permanecendo na congregação até os dezessete anos, Rose aproveitou a oportunidade de explorar sua paixão pela dança, experimentando diversos estilos e realizando um percurso que a levaria a dançar tanto dentro dos fóruns do Brasil. Dentro das companhias de dança, no entanto, ela se destacou entre as poucas, ou, em muitas graças, a única bailarina negra da trupe (Evaristo, 2011, p. 96). Sua jornada, portanto, é marcada não apenas pela luta, mas também pela resistência e pela busca incessante por espaço e reconhecimento.

Por fim, a narrativa de Rose e suas irmãs cristaliza a força indomável das mulheres que, mesmo diante de adversidades insuportáveis, se mostram resilientes. Elas enfrentam a dor do racismo, a pobreza e o preconceito com uma força que desafia as expectativas. Cada uma a seu modo, elas transformam o sofrimento em empoderamento, usando suas experiências para abrir espaço para novas possibilidades e lutar por seus sonhos. A história de Rose, portanto, não é apenas individual; é um eco das lutas coletivas de muitas mulheres que, como ela, buscam um lugar ao sol neste mundo, e se erguem, mesmo sob a opressão, como símbolos de coragem e resistência. E assim, a história de Rose Dusreis termina, do jeito que ela sempre quisera viver, como diz no trecho “entretanto, signos de presença subexistem na aparente ausência daqueles que partiram de nós, como Rose Dusreis, naquele dia, enquanto dançava a plenitude de sua história final” (Evaristo, 2011, p. 98).

2.12 Saura Benevides Amarantino

O conto "Saura Benevides Amarantino", penúltimo da coletânea, explora a complexidade da maternidade através da figura de Saura, uma mulher negra que é mãe de três filhos, mas que apenas reconhece o amor por seus dois primeiros. O conto propõe uma reflexão provocativa e distinta, ao se afastar do ideal da mãe benevolente que ama seus filhos incondicionalmente, uma noção muitas vezes reforçada por discursos tradicionais sobre a maternidade.

Saura inicia sua narrativa afirmando que não se importa com os julgamentos alheios. Ela teve sua primeira filha, Idália, aos dezesseis anos, fruto de um relacionamento imaturo. Desde a gestação, já sentia uma afeição pela criança que carregava em seu ventre, mas a relação com o pai da menina, que a abandonou, não a levou a aceitar um casamento forçado. Essa escolha de não se submeter às expectativas sociais, ao contrário do que se espera de uma jovem grávida, revela uma desconstrução poderosa do papel feminino imposto pela sociedade.

O apoio de sua mãe é um aspecto central da narrativa. Quando o pai tenta expulsá-la de casa, a mãe de Saura se opõe, permitindo que Idália cresça em um ambiente de amor e

acolhimento. Maurino, o segundo filho, também se beneficia desse amor familiar, mesmo que sua paternidade seja assumida pelo marido de Saura Amarantino. Essa dinâmica familiar desafia as normas tradicionais, destacando a importância das redes de apoio entre mulheres.

A morte de Amarantino, após onze anos de casamento, deixa um vazio profundo na vida de Saura. O reencontro com um colega de juventude resulta em uma terceira gestação, que ela considera um "descuido". A aceitação desse relacionamento provoca novos julgamentos, não apenas de sua família, mas também da sociedade. A citação em que sua mãe defende Saura, afirmando que uma mulher jovem tem o direito de buscar satisfação sexual, desafia as normas patriarcais que tentam controlar a sexualidade feminina. Ao apoiar sua filha, a mãe não apenas quebra o discurso do pudor, mas também reafirma a autonomia da mulher:

Do meu pai, foi o primeiro. Relembrando de quando engravidei pela primeira vez, ainda quase menina, ele me cobrou o pudor que eu deveria ter por ser uma mulher viúva. E deixou de falar comigo quando a terceira gravidez já me acusava no corpo, que começava a se arredondar. Minha mãe me acolheu mais uma vez. [...] E mais uma vez, minha mãe me surpreendeu ao enfrentar meu pai. Em uma das discussões, em altos brados, ela desafiou o velho, dizendo que, se o corpo do homem pede, o da mulher também, principalmente de uma mulher jovem (Evaristo, 2011, p. 101).

No entanto, a gestação da terceira filha é marcada por um desdém profundo. Desde o início, Saura confessa que não sente amor pela criança que cresce em seu ventre, associando sua existência à dor da perda de seu falecido marido. Quando a filha nasce, sua aparência, distante das marcas familiares, intensifica seu desprezo. O desejo de entregá-la ao pai biológico revela uma ruptura radical com a narrativa tradicional da maternidade. A reação de sua mãe, que não compreende como uma mãe poderia agir dessa forma, destaca a estranheza dessa decisão, geralmente atribuída a homens em situações de abandono.

Evaristo desafia a visão estereotipada de que toda mulher possui um instinto maternal intrínseco. Saura não se julga; ao contrário, expressa sua sinceridade ao afirmar que seria melhor não ser mãe da menina. Essa quebra de padrões sociais permite uma reflexão sobre o amor e o cuidado: não é só o homem que pode se afastar emocionalmente; as mulheres também têm suas próprias complexidades e limites. A narrativa demonstra que a experiência materna é diversa e que a falta de amor incondicional não desqualifica a mulher em seu papel de mãe.

Dessa forma, o conto se torna um espaço de resistência e crítica, desafiando a ideia de que todas as mulheres devem sentir um amor incondicional por seus filhos. Saura é uma representação poderosa de que a maternidade é multifacetada e que o amor, em suas diferentes formas e intensidades, deve ser aceito e reconhecido, sem julgamentos morais pré-estabelecidos.

2.13 Regina Anastácia

O conto "Regina Anastácia" encerra a coletânea com uma rica narrativa sobre a vida de uma mulher negra que se apaixona e se casa com um jovem de uma família nobre. A história não apenas aborda a relação amorosa entre Regina e Jorge, mas também tece um retrato profundo das lutas e da ancestralidade negra, criando uma conexão entre passado e presente.

Desde o início, a narradora estabelece uma reverência à figura de Regina, comparando-a à Rainha Anastácia, uma princesa africana do período colonial. Essa comparação evoca uma linhagem de mulheres poderosas, como Mãe Menininha de Gantois e Mãe Meninazinha d'Oxum, que representam a força e a resistência da ancestralidade afro-brasileira. A frase: "Não pude deixar de me levantar e, respeitosamente, beijar a mão daquela mais velha, contemporânea de minha mãe, Joana Josefina Evaristo, tão rainha quanto ela" (Evaristo, 2011, p. 107), revela não apenas um tributo à figura materna, mas também à identidade coletiva das mulheres negras. Nessa frase, percebemos que a narradora parece ser a própria Evaristo, por ela falar de sua mãe, mas como Duarte (2018, p. 154) diz: "Mas não nos enganemos: a protagonista narradora, apesar desta confissão, continua sendo uma personagem ficcional. Com habilidade e competência, ela joga com o leitor o tempo todo".

Na cidade de Rios Fundos, a família latifundiária Duque D'Atanho domina a economia local. Eles controlam tudo, desde armazéns até escolas, criando uma atmosfera opressiva. No entanto, existe um espaço de resistência: um clube chamado "Antes do sol se pôr", onde africanos e seus descendentes, ainda escravizados, se reuniam para dançar, cantar e até organizar fugas do cativeiro. Essa descrição ressalta a importância da resistência cultural e da luta pela liberdade em um ambiente marcado pela opressão colonial.

Quando Regina chega a Rios Fundos, já existe uma capela onde ela é coroada "primeiro como Princesa e depois como Rainha Conga" (Evaristo, 2011, p. 109). Nesse momento, a narrativa revela a ambição da família D'Atanho, que não se contenta em ser proprietária de bens materiais, mas também deseja controlar as pessoas. Regina, no entanto, se recusa a se submeter a essa dominação, e sua história de amor com Jorge, um jovem da aristocracia, começa quando ela o conhece ao levar um perfume para sua avó. O amor à primeira vista entre eles simboliza a possibilidade de uma nova narrativa, desafiando as normas raciais e sociais ainda vigentes na nossa sociedade.

A trajetória de Regina é marcada pela determinação de sua mãe, Saíba, que, apesar da pressão social e do machismo, decide continuar seu trabalho como empreendedora, rejeitando as sugestões de que deveria buscar emprego em uma das padarias dos D'Atanho. A força de

Saíba é um eco das ancestrais que sustentam a luta das mulheres negras. O trecho que menciona a ancestralidade, destacando protetores como Zâmbi, Olorum e Ogum, reforça a ideia de que a força de Regina e sua mãe provém de uma rica herança cultural que transcende o tempo:

Contrariando o desejo de meu pai, que achava mais seguro se minha mãe fosse trabalhar na fábrica de doces ou em uma das padarias do pessoal D’Antanho, ela continuou trabalhando por conta própria. Soubemos que isso foi alvo de deboche. Nem o pessoal da cidade fechada, nem as pessoas da cidade aberta acreditavam que alguém pudesse sobreviver fora do poderio dantanhense. Mas a força de minha mãe vinha do pessoal de outrora, principalmente das mulheres desde lá (Evaristo, 2011, p. 112).

O romance entre Regina e Jorge não é isento de tensões. Saíba, atenta ao interesse do jovem, alerta a filha sobre os perigos que a atração pode representar, especialmente no contexto de uma história marcada por relações de poder desiguais. O reconhecimento de que a sedução pode ser uma forma de dominação é uma crítica à persistência de práticas racistas e patriarcais, mesmo após a abolição da escravatura. No entanto, Jorge se destaca como uma exceção; sua decisão de se apaixonar por Regina representa uma subversão dos discursos hegemônicos. Ele desafia as expectativas sociais, ao ir contra a resistência de sua própria família e, consequentemente, se expulso de casa:

Ela havia notado o interesse do moço D’Antanho por mim e sabia o que aquilo significava. Os moços brancos, incentivados pelas famílias, conservam os hábitos ainda do tempo da escravidão. Corriam atrás das mocinhas negras, assim como os donos de escravos, tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a se fazer homens, experimentando os primeiros prazeres no corpo das meninas e das mulheres que trabalhavam em suas casas. Só que o tempo havia mudado. O mais comum agora era a sedução. Entretanto, havia, ainda, aqueles que tomavam, à força, o corpo da empregada que trabalhava com eles (Evaristo, 2011, p. 115).

Bell hooks (2018, p. 45) enfatiza que “o casamento inter-racial entre as mulheres negras e os homens brancos evocava medo e raiva no público branco”, pois desafiavam a supremacia racial. Jorge, ao se apaixonar por Regina, quebra esses estereótipos, mostrando que é possível amar verdadeiramente além das barreiras raciais. Essa união não só representa um ato de amor, mas também uma declaração de resistência contra a opressão.

Ao final do conto, Regina narra a trajetória de sua família: Jorge abre uma farmácia, e juntos têm cinco filhos, todos nascidos antes do sol se pôr. O desfecho poético, com Regina afirmando que Jorge sempre a considerou sua “eterna rainha” e que espera “sem pressa alguma, a hora do meu poente” (Evaristo, 2011, p. 117), encapsula a mistura de amor, saudade e uma conexão profunda com a ancestralidade. Essa espera pela hora do poente não é apenas uma metáfora para a morte, mas também um reconhecimento da continuidade da vida e da luta das mulheres negras, que desafiam as narrativas impostas e afirmam sua própria história.

Conclusão

As leituras e análises realizadas neste trabalho de conclusão de curso reafirmam a potência transformadora da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, enquanto um marco na literatura afro-brasileira, especialmente no que diz respeito à representatividade e à centralidade das vozes das mulheres negras. Por meio da *escrevivência*, conceito fundamental criado pela autora, Evaristo confere autenticidade às suas personagens ao criar narrativas que rompem com as estruturas hegemônicas da literatura tradicional, predominantemente eurocêntrica, patriarcal e elitista.

O estudo mostrou que, ao dar voz a mulheres negras historicamente silenciadas, a autora subverte o cânone literário, integrando à sua escrita elementos da oralidade e da ancestralidade afro-brasileira. A obra de Evaristo não apenas narra experiências de racismo, sexismo e exclusão social, mas também celebra a resiliência e a resistência das mulheres negras, que, apesar das adversidades, constroem suas identidades de forma combativa e afirmativa. Essas histórias, como as de Aramides, Natalina, Shirley e outras personagens, revelam trajetórias marcadas pela dor e pela violência, mas também pela coragem e pelo protagonismo, configurando-se como um ato político e literário de reivindicação.

Além disso, a pesquisa apontou que a *escrevivência* ultrapassa os limites da ficção, ancorando-se nas experiências reais de opressão e resistência vividas por mulheres negras. Evaristo estabelece um espaço literário no qual a memória coletiva dessas mulheres é preservada, e suas narrativas de luta ganham centralidade. Ao utilizar a escrita como um instrumento de denúncia e transformação social, a autora amplia a visibilidade de histórias que por muito tempo foram negligenciadas, reescrevendo as vivências de mulheres negras com um olhar de dignidade e empoderamento.

Nesse sentido, o trabalho demonstrou que a obra de Conceição Evaristo contribui para a construção de um novo paradigma na literatura brasileira, um paradigma que valoriza a pluralidade de vozes e experiências, desconstruindo estereótipos. Assim, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* não é apenas um testemunho das dores e lutas dessas mulheres, mas também manifesto pela afirmação de suas subjetividades e pela conquista de seu espaço na sociedade e na literatura.

No primeiro capítulo, a análise combinou a trajetória literária de Conceição Evaristo com uma reflexão crítica sobre sua obra, embasada em estudos de diversos autores, para uma melhor compreensão das temáticas abordadas. Esse diálogo com teorias e perspectivas contemporâneas enriquece a interpretação de seus textos e evidencia a importância de sua obra

na construção de um espaço literário singular, no qual a resistência e a identidade das mulheres negras ganham protagonismo.

No segundo capítulo, apresentei como Conceição Evaristo utiliza a escrevivência e a oralidade para retratar as vivências das personagens e desafiar os estigmas de racismo, sexismo e patriarcado que permeiam a sociedade. Suas narrativas resgatam a memória coletiva e subvertem paradigmas opressivos, dando centralidade às vozes femininas. A pesquisa reafirma a relevância da obra de Evaristo no fortalecimento da literatura afro-brasileira e na compreensão dos processos de resistência cultural e política das mulheres negras, transformando a literatura em um espaço de subversão e libertação.

Ao aprofundar a análise da obra com base em teóricos como Saffiotti (1987 e 2015), Hooks (2018 e 2019) e Kilomba (2019), foi possível ampliar a compreensão dos temas discutidos, evidenciando o poder transformador da escrita de Evaristo. Nesse sentido, sua obra se consolida como um instrumento de resistência e conscientização, ampliando o protagonismo das mulheres negras na literatura e na sociedade brasileira, além de reafirmar a importância de suas histórias e experiências na construção de uma narrativa mais inclusiva e emancipadora.

Por fim, este trabalho de conclusão de curso reflete profundamente minha trajetória enquanto pesquisadora, mulher negra e mãe solo. Desde a infância, tenho enfrentado as barreiras impostas pelo preconceito, mas sempre buscando ressignificar minha história pessoal através da literatura. Através da análise das obras de Conceição Evaristo, encontro um caminho de resistência e afirmação, reforçando a importância da luta contra as estruturas de exclusão social que ainda nos afetam. Embora a sociedade continue sendo excludente, acredito que, com o fortalecimento dessas narrativas, estamos avançando de maneira significativa.

Referências

CÔRTEZ, Cristiane. *Diálogos sobre escrevivência e silêncio*. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2.ed. Belo Horizonte. Idea, 2018.

DUARTE, Constância Lima. *Marcas da violência no corpo literário feminino*. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2.ed. Belo Horizonte. Idea, 2018.

DUARTE, Constância Lima. *Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrevivência*. In: DUARTE, Constância L. NUNES, Isabella R. (Org.) *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Escrevivência. Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica*. In: DUARTE, Constância L. NUNES, Isabella R. (Org.) *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância L. NUNES, Isabella R. (Org.) *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Malê, 2006

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita*. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio(Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição, *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição, *Macabéa: Flor de Mulungu*. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 1ª edição, 2023.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Escrevivência: sentidos em construção*. In: DUARTE, Constância L., NUNES, Isabella R. (Org.) *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020.

GOMES, Heloísa Toller. Algumas palavras sobre a tessitura poética de Olhos d'água. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2.ed. Belo Horizonte. Idea, 2018.

HOOKS, Bell. *Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo*. 1ª edição, 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo, políticas arrebatadoras*. LIBÂNIO, Ana Luiza (trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidianos*. Cogobó, 2019.

LUCIANO, Antoniele de Cássia. *Prefácios em Conceição Evaristo: a escritora e a crítica literária*. Curitiba - PR, 2020. Dissertação (mestrado).

OLIVEIRA, Natália Fontes. Os condenados da terra: violência doméstica e maternidade em *Insubmissas lágrimas de mulheres*. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2º ed. Belo Horizonte. Idea, 2018.

PAES, Iêdo de Oliveira. *Por entre Olhos D'água de dor, indiferença e amor*. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2.ed. Belo Horizonte. Idea, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth L. B. *Gênero, patriarcado, violência*. 2ºed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth L. B. *O poder do macho*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SCHMIDT, Simone Pereira. Nos becos da memória, a força da narrativa. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.) **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. – 2. ed. – Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 101-107.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. *Escrevivência: itinerário de vidas e palavras*. In: DUARTE, Constância L., NUNES, Isabella R. (Org.) *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2020.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. "E assim tudo se deu": As histórias de leves enganos e parencas. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2.ed. Belo Horizonte. Idea, 2018.

SILVA, Rosângela Lopes da. *Corpos vigiados, assuntos segregados: a representação da menstruação em Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. VIII Congresso

Internacional de Humanidades: Interculturalidade e Patrimônio em Contextos LatinoAmericanos. In: *Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades*, n. 6, p. 1018-1036. Universidade de Brasília (UNB), 2016.

SOUSA, Isabelle Carolinne Melo de. Mulheres inscritas insubmissas: estudo sobre a representação feminina em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. Natal - RN, 2020. Dissertação (mestrado). Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/33294/1/Mulheresinscritasinsubmissas_Sousa_2020.pdf Acesso em: 18 de setembro de 2024.

PEREIRA, Ianá Souza. *De contos a depoimentos: memórias de escritoras negras brasileiras e moçambicanas*. Tese doutoral apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-19072018-120739/pt-br.php> . Acesso em: 17 de setembro de 2024.

